



**ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA  
ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE VISEU,  
REALIZADA NO DIA VINTE E CINCO DE  
ABRIL DE DOIS MIL E DEZASSETE**

----- No vinte e cinco de abril de dois mil e dezassete, teve lugar no Edifício Multiusos da Freguesia de Santos Evos, a Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal de Viseu, Comemorativa do XLIII Aniversário do 25 de Abril a qual foi presidida pelo Senhor José Manuel Henriques Mota de Faria Presidente da Assembleia Municipal, secretariado pela Senhora Cristina Paula Cunha Pereira Gomes como Primeira Secretária e o Senhor Fernando José Cardoso Rodrigues como Segundo Secretário. -----

A Sessão teve início às dez horas e trinta minutos, tendo-se verificado as faltas da Senhora Sofia Daniela Pereira Mesquita (Justificada) e do Senhor Rui Pedro de Matos Peva (Justificada).-----

----- **MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA:** Bom dia a todos. Cumprimentava todos os presentes, um cumprimento especial ao nosso Capitão de Abril, Arnaldo Costeira, cumprimentava também o Senhor Dr. Pedro dos Santos Guerreiro que é um Viseense Ilustre, e que nos honra hoje aqui com a sua presença. Bem-vindo ao nosso Concelho, à nossa Cidade e à nossa Freguesia de Santos Evos. Cumprimentava também o Senhor Presidente da Câmara Dr. Almeida Henriques, o Senhor Vice-Presidente, os Senhores Vereadores, os Senhores Membros da Assembleia Municipal, também os Senhores Presidentes de Junta, cumprimentava o Senhor Presidente de Junta de Santos Evos o nosso Fernando Rodrigues e na pessoa dele cumprimentava todos os Senhores Presidentes de Junta do Concelho e Membros dos Órgãos de Freguesia. Cumprimentava também os nossos homenageados, cumprimentava todos os ex-Membros do Executivo Camarário, das Juntas de Freguesia e da Assembleia Municipal, cumprimentava o Senhor Comandante do Regimento de Infantaria nº14, também o Senhor representante da GNR, cumprimentava o Senhor Comissário da PSP, cumprimentava também todas as Autoridades Cívicas, Caros Convidados, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

Esta é uma Assembleia diferente, é uma Assembleia de Abril, e é uma Assembleia também Extraordinária e por isso temos aqui alguns aspetos regimentais que temos ter, e pedia a vossa compreensão em relação a eles.-----

Em primeiro lugar, há uma impossibilidade do nosso Primeiro Secretário, o Deputado João Cotta, de estar presente nesta Sessão e por isso já foi substituído pelo Deputado Municipal Rui Pedro de Matos Peva e pedia, porque a Mesa tem que estar constituída, a nossa Segunda Secretária passou a Primeira Secretária e convidava para estar presente na Mesa o nosso Presidente da Junta de Santos Evos para fazer parte da Mesa desta Assembleia Municipal e por isso pedia que tomasse o lugar.-----

Informava também que o Senhor Deputado Municipal António Carlos Tomás Costa solicitou a sua substituição sendo substituído pela Deputada Municipal Sofia Daniela Pereira Mesquita e também o Deputado Municipal Carlos do Vale Martins do PS solicitou a sua substituição para esta sessão sendo substituído pela Deputada Municipal Adelaide Joana da Silva Modesto e que o Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Orgens informou que se faz substituir nesta sessão pelo Senhor Hélder Esteves Novíssimo a quem damos também as boas-vindas por ser a primeira vez que se encontra nesta Assembleia Municipal.-----

Gostaríamos também rapidamente agradecer ao Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Santos Evos que agora está aqui à minha esquerda, toda a disponibilidade e colaboração que nos deu para a realização desta iniciativa na sua freguesia, que permitiu

comemorar numa freguesia rural o 43º Aniversário de Abril, o Centenário da transformação das Paróquias Civas em Freguesias e também os 40 Anos do Poder Local.--- Também um agradecimento à Direção das Associações Recreativas, Culturais e Desportivas e a todos os Associados da Freguesia de Santos Evos, o nosso obrigado por toda a participação e a colaboração que tiveram nestas Comemorações.----- A todos os cidadãos de Santos Evos o nosso Bem-haja pela vossa hospitalidade.----- Agradecemos também ao Senhor Comandante do Regimento de Infantaria nº 14 o ter deslocado para esta freguesia uma viatura militar para exposição. Tem sido um êxito, aqui o Senhor Presidente de Junta já nos transmitiu que ontem todas as crianças da escola visitaram-na e por isso tem sido um grande êxito a viatura aqui em Santos Evos.----- A decisão de convocar, também só para informar, esta Sessão Extraordinária da Assembleia foi também um processo consensual entre todos os Grupos Municipais, bem como a realização da conferência e também foi consensual o convite à personalidade que irá intervir. Como esta sessão é extraordinária, tem um ponto único, não permitindo o cumprimento de todos os requisitos regimentais, foi acordado o seguinte alinhamento:----- Irá fazer a intervenção inicial de boas-vindas o Senhor Presidente da Junta de Freguesia, depois intervêm os representantes dos Partidos Políticos, segue-se a Conferência da personalidade convidada, a intervenção do Senhor Presidente da Câmara e do Presidente da Assembleia Municipal. Seguir-se-á a Homenagem aos Presidentes da Junta de Freguesia eleitos após o 25 de Abril.----- Assim, Convidava o Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Santos Evos a usar da palavra.-----

----- **UM – O SENHOR PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA DE SANTOS EVOS FERNANDO JOSÉ CARDOSO RODRIGUES (PPD/PSD):** Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Viseu, Dr. Mota Faria e restante Mesa, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Dr. Almeida Henriques, Senhoras e Senhores Vereadores, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Presidentes de Junta de Freguesia, Autoridades Militares, Senhor Comandante da GNR, Senhor Comandante da PSP, Senhor Comandante do Regimento de Infantaria 14, Senhor Comandante da Polícia Municipal, Senhores Convidados, Senhor Dr. Pedro Santos Guerreiro, ex Presidentes de Junta de Freguesia, Senhores Professores presentes, Senhores Presidentes das Associações da Freguesia e restante Direção, Associação da Sernada, de Carragoso, de Pinheiro, Associação Amigos de Santos-Êvos, Centro de Dia e Lar, Associação de Santos-Êvos, Associação Corvoense e Associação Social Amizade de Corvos, Público em geral e Comunicação Social.----- Senhor Presidente da Assembleia de Freguesia, Nuno Moreira e restantes Membros e Executivo da Junta de Freguesia, Sandra Gomes e Carlos Santos.----- Agradeço a vossa presença na Nossa Freguesia. Muito obrigado a todos.----- Agradeço também às Senhoras de Corvos e de Pinheiro que estão a cozer o pão, pão esse que será servido no nosso almoço, ao Rancho Folclórico de Carragoso e aos Grupos de Bombos de Pinheiro e também de Corvos.----- Hoje vamos comemorar aqui na nossa Freguesia o 43º (quadragésimo terceiro) aniversário do 25 de Abril;----- O Centenário da transformação das Paróquias Civas em Freguesias;----- Os 40 Anos do Poder Local Democrático;----- E vamos também prestar uma grande homenagem a todos os ex-Presidentes de Junta de Freguesia eleitos após o 25 de Abril de 1974.----- Minhas senhoras e meus senhores:----- Nos últimos anos, a aposta da Junta de Freguesia de Santos-Êvos em políticas e estratégias de desenvolvimento multidisciplinar, valorizando a educação e o social, a história, a cultura e o património, as infraestruturas básicas e o desenvolvimento empresarial como também o ambiente, a natureza e o lazer, e a(s) sua(s) relação(ões) com a saúde e o

desporto garantiram um crescimento importante no rumo ao progresso e desenvolvimento local.-----

Com uma aposta em projetos inovadores e também criativos, temos verificado uma tendência de procura e aumento de pessoas que visitam a nossa Freguesia.-----

Este trabalho, este desenvolvimento, foi possível graças ao poder local democrático.-----

Este poder local democrático aproximou homens e mulheres interessados no desenvolvimento das suas terras.-----

O poder local contribuiu para o desenvolvimento da cidadania - um bem comum, igualdade social e também dignidade coletiva.-----

O poder local contribuiu para o desenvolvimento da cidadania como já referi, também apelou à participação das pessoas e exerce um trabalho de grande proximidade com todos. As pessoas têm o direito de decidir, de participar e também de avaliar.-----

É neste poder local, que politicamente, as pessoas mais confiam.-----

Este Poder Local Democrático foi determinante para o desenvolvimento dos concelhos e logicamente das freguesias, ao nível das infraestruturas básicas criaram-se novas vias de comunicação, várias obras de rede de água e saneamento básico, de rede elétrica pública, entre outras.-----

Meus Senhores, se não fosse o poder local, o nosso país seria muito mais assimétrico e menos desenvolvido.-----

Os eleitos locais, promovem políticas inclusivas, preocupam-se com a qualidade de vida da população, valorizam a educação e o social, o desporto e o lazer, a cultura e o património.- Estes atentos estão atentos à captação de investimento, à criação de riqueza e de postos de trabalho. Valorizam também o Turismo, como fonte de riqueza e desenvolvimento da sua terra.-----

Minhas amigas e meus amigos, hoje estamos aqui confortavelmente sentados, neste Edifício Multiusos, que promove a Cultura e os Eventos, graças ao poder local democrático.-----

Hoje a história da nossa freguesia, tem mais uma página para contar e mais tarde recordar.-----

Mais uma vez, muito obrigado a todos.-----

----- MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA: Obrigado Senhor Presidente de Junta. Vai usar da palavra a representante da Coligação Democrática Unitária CDU a Deputada Filomena Pires.-----

----- DOIS – A SENHORA DEPUTADA MARIA FILOMENA DE MATOS PIRES (CDU): Senhor Presidente da Assembleia Municipal e restante Mesa, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhoras e Senhores Vereadores, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Santos Êvos, nosso anfitrião, Ilustres Convidados, Minhas Senhoras e Meus senhores.-----

Celebramos hoje a Revolução de Abril, essa realização ímpar da luta do povo português. O 25 de Abril de 1974 não foi apenas um dia. Foi o resultado de décadas de luta abnegada, corajosa e perseverante do povo português, que mesmo nas condições mais adversas, mesmo sob o jugo da censura, da tortura e da repressão mais brutais, construiu o caminho da Revolução. A todos esses combatentes democratas e antifascistas a nossa sentida homenagem e o nosso reconhecimento!-----

A Revolução de Abril significou um extraordinário progresso da sociedade portuguesa e mostrou conter em si a força e as potencialidades necessárias para empreender a eliminação de muitas das mais graves desigualdades, discriminações e injustiças sociais, contribuindo para a construção de uma nova sociedade democrática. Apesar das suas aquisições históricas, muitas das suas principais conquistas foram, entretanto, destruídas e enfraquecidas pela ação de sucessivos governos que, negando os caminhos de Abril e os seus valores, realizaram políticas que se traduziram num sério retrocesso das condições de vida dos portugueses. Mas os valores de Abril não só permanecem no coração dos

portugueses, como são referências essenciais no presente e para o futuro democrático e independente de Portugal pelo qual continuamos a lutar.-----

Comemorar e lutar por Abril, nesta nova fase da vida política nacional, é tomar a iniciativa de recuperar e materializar na vida os seus valores, desde logo os valores da justiça social, com a valorização do trabalho e dos trabalhadores, e dos direitos sociais universais de todo o povo à saúde, à educação, à segurança social e à cultura.-----

É atacar de frente os graves flagelos sociais do desemprego e da precariedade, dos baixos salários e das baixas reformas e os altos níveis de pobreza, exigindo medidas no plano institucional para reverter uma legislação laboral permissiva e de ataque sistemático aos direitos dos trabalhadores, mas reforçando também as funções sociais do Estado.-----

Senhoras e senhores comemorar Abril não se faz um dia por ano.-----

Faz-se no aprofundamento de um instrumento fundamental para a resolução dos problemas das populações, uma conquista de Abril, um elemento estrutural da democracia, o poder local democrático.-----

As autarquias locais, a pretexto da crise, viram a sua autonomia reduzida a mínimos intoleráveis, viram as suas responsabilidades aumentadas e os recursos para lhes fazer face diminuídos. No que toca às freguesias, um processo burocrático de liquidação, não poupou um tostão, afastou cidadãos dos seus representantes, reduziu o número de cidadãos empenhados na gestão da coisa pública, desvirtuou o papel e a função das freguesias na organização do poder local. Razões suficientes para reforçar a defesa intransigente da autonomia do poder local, através das quais têm expressão organizada muitas das aspirações e dos interesses das comunidades locais, podendo dar resposta mais pronta, eficaz e mesmo eficiente.-----

A freguesia é o espaço institucional em que melhor se conjugam o exercício da democracia representativa e a vivência da democracia participativa. É a autarquia local da organização democrática do estado mais próxima das populações, aquela cujo rosto está mais presente.-----

Mas a Junta de Freguesia não é apenas o seu presidente. É um coletivo que executa, uma assembleia que delibera e fiscaliza. Se é justo homenagear os autarcas locais, pelo serviço público prestado, é também legítimo lembrar esses coletivos.-----

Neste reconhecimento que hoje aqui fazemos, não posso deixar de homenagear as mulheres e os homens que integraram esses coletivos eleitos pelo voto democrático, presentes ou ausentes, que abdicando tantas vezes da sua vida pessoal, trabalharam no sentido de melhorar a vida nas suas freguesias.-----

Mais a mais, estando numa freguesia em que uma rua muito importante se chama 25 de Abril.-----

25 de Abril sempre!-----

Obrigada.-----

----- **MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA:** Obrigado Senhora Deputada. Tem a palavra o representante do Bloco de Esquerda, Deputado Carlos Vieira.-----

----- **TRÊS – O SENHOR DEPUTADO CARLOS ALBERTO VIEIRA E CASTRO RODRIGUES (BE):** Muito obrigado Senhor Presidente. Senhor Presidente, Senhora e Senhor Membros da Mesa, Senhores Deputados e Senhoras Deputadas, Ilustres Convidados, Senhores Presidentes de Junta e Público presente.-----

Estamos hoje aqui a comemorar o 25 de Abril, revolução a que se deve o Poder Local democrático. No ano passado assinalou-se o centenário da Lei nº 621, de 23.06.1916, com que a I República instituiu as freguesias em Portugal, a partir das “paróquias civis”, passando a denominar por Junta de Freguesia o corpo administrativo até aí designado por Junta de Paróquia. Mas foi só com a Constituição de 1976 que as freguesias passaram a ter uma legitimidade eleitoral, autonomia e independência (deixando de ser órgãos dos municípios). No entanto, ainda no último congresso da Associação Nacional de Freguesias - ANAFRE, as freguesias exigiram maior autonomia, o fim do subfinanciamento crónico,

cumprindo a lei das Finanças Locais e a consequente dignificação do eleito local. Basta ver que o valor global atribuído pelo Orçamento de Estado a todas as freguesias do país, cerca de 0,13%, é inferior a 200 milhões de euros anuais.-----

As freguesias não podem ser uma espécie de delegação do município, obrigando os presidentes de junta a andar de mão estendida perante o centralismo local; da mesma forma que os municípios, também as freguesias têm direito à sua autonomia, com competências próprias e o correspondente financiamento. Esta entropia da democracia local estimula a dependência e a subserviência, mais próprias da vassalagem feudal do que da arquitetura constitucional do Poder Local democrático, que confere às autarquias locais património e finanças próprios.-----

Também a reforma administrativa levada a cabo pelo anterior governo, que levou à extinção de 1.165 das 4.259 freguesias então existentes, foi alvo de um inquérito organizado pela ANAFRE cujo relatório concluiu que a gestão não teve alteração para 41,35% das entidades inquiridas, mas piorou para 31,25% das freguesias e apenas 27,4% das respostas considerou ter melhorado. Ou seja, o saldo é negativo para as freguesias.-----

Aliás, 70% das freguesias que responderam ao inquérito realizado pela Universidade do Minho, em colaboração com a ANAFRE, um ano após a aplicação da lei, declararam haver “divergências” entre os territórios agregados com 11% destas freguesias a considerar haver mesmo “muitas divergências”, e só as restantes 30% é que responderam que não havia nenhuma divergência. O relatório refere ainda que e cito “foi recolhido um grande número de considerações no sentido de que não houve nenhuma melhoria, antes pelo contrário, seja porque se perdeu a principal característica das freguesias, a proximidade, seja porque a nova freguesia passou a ter um agregado populacional e uma dimensão territorial exagerados, faltando meios humanos, técnicos e financeiros para a melhor prossecução dos interesses das respetivas populações.” Fim de citação.-----

Como na Assembleia da República, todos os partidos da oposição ao anterior governo votaram contra esta reforma do ministro Relvas, mais troikista do que a Troika, comprometendo-se a reverter as extinções de freguesias executadas à revelia da vontade das respetivas populações e em muitos casos dos próprios órgãos de freguesia, e o próprio programa do atual governo se comprometia em a reavaliar, esperava-se que já tivesse sido preparada uma lei que permitisse a reversão da extinção ou agregação às freguesias que o quisessem, através das Assembleias de Freguesia ou de referendos locais, em conformidade com a Constituição da República e com a Carta Europeia da Autonomia Local, mas, lamentavelmente, as próximas eleições autárquicas vão prolongar esta reforma mal atamancada por mais quatro anos.-----

Parece que houve aqui uma revolução que fechou para obras e nunca mais abriu.-----  
Caras concidadãs e caros concidadãos,-----

Ainda antes da formação da nacionalidade, já a Península experimentara a auto-organização, primeiro com os povos pré-romanos, como os lusitanos com as suas assembleias populares e conselhos de anciãos. Até que o Império Romano nos trouxe a organização política e administrativa, (a civilização, diziam) imposta com a sua guerra de extermínio (só Décimo Júnio Bruto destruiu trinta povoações da Estremadura e da Beira; Galba ordenou a decapitação de 9 mil lusitanos e escravizou outros 20 mil e Dídio mandou degolar todos os presos, homens, mulheres e crianças). Como veem, a História repete-se.---  
Hoje também há povos que se auto proclamam civilizados e tentam-nos meter na ordem com o machado da Finança globalizada.-----

Mais tarde, os visigodos organizavam reuniões públicas ou assembleias para tratar de assuntos dos moradores ou judiciais. As comunas, formas de organização de burgueses de uma vila ou burgo que no regime feudal da Europa ocidental receberam uma carta (foral) que lhes dava o direito de se governarem a si próprios, adquirem na península a designação de “concelhos”, “órgãos de poder político das classes dependentes contra a nobreza senhorial” que se “impuseram igualmente através de associações juradas”, por

**influência do Al-Andaluz.-----**

**Ou seja, em todas as sociedade humanas os povos sempre encontram formas de cooperação e auto-organização. Nas sociedades divididas em ordens ou classes, em todos os reinos e impérios, em todas as ditaduras, sempre houve revoltas e revoluções perpetradas pelas ordens ou classes exploradas ou pelos povos oprimidos e espoliados.-----**

**Estamos hoje aqui a comemorar o 25 de Abril, a Revolução que acabou com a ditadura mais longa da Europa e mais longa ainda do que as ditaduras da América Latina. Ou, para ser mais exato, um golpe de Estado militar que o povo transformou em revolução.----**

**Uma revolução que durou apenas um ano e meio, mas que mudou para sempre um país amordaçado, com metade da população a ter de emigrar para fugir à miséria, uma juventude angustiada e traumatizada com uma guerra que massacrou os povos inocentes das colónias africanas, matou quase 10 mil portugueses e provocou 15 mil deficientes físicos, para além de milhares de vítimas de stress de guerra, estimados em mais de 100 mil e outros tantos desertores, refractários e exilados políticos, que com o seu exemplo de desobediência, em nome do dever cívico, moral, político e patriótico, ajudaram à derrota do colonialismo. Um colonialismo que não foi de brandos costumes, visto que ficou manchado por vários massacres de inocentes nas colónias africanas. O Código de Trabalho dos Indígenas das Colónias Portuguesas da África, de 1928, punia com prisão até dois anos, ou expulsão do território português, quem denunciasse a existência da escravatura ou do tráfico de escravos nas colónias portuguesas.-----**

**Antes da revolução de 1974, os presidentes das câmaras eram nomeados pelo governo, e mesmo assim, Salazar e depois Marcelo Caetano controlavam-nos ainda mais através dos chefes locais do partido único, a União Nacional, mais tarde Acção Nacional Popular. (como veem o perigo dos partidos únicos) As autarquias locais tinham autonomia financeira, mas dispunham de magras receitas, ficando na dependência quase total dos subsídios e participações do Governo, o que obrigava, muitas vezes as populações a organizar comissões e ligas de melhoramentos para angariar fundos ou para fazer pressão no sentido de resolver os seus problemas. Salazar mandou matar opositores, como Delgado, Dias Coelho e muitos outros, mas também matou o municipalismo, por não querer perder a autoridade do Estado com qualquer veleidade descentralizadora.-----**

**Em 1976 realizaram-se as primeiras eleições livres para as autarquias locais. Há 41 anos, as mulheres, pela primeira vez na história de Portugal, puderam eleger e ser eleitas sem quaisquer restrições associadas à sua situação familiar, profissional ou outra. No entanto, passados mais de 40 anos da Revolução, as mulheres portuguesas ainda ganham, em média, menos quase 17% do que os homens, para trabalho igual, ou seja, as mulheres para auferirem o mesmo salário dos homens têm de trabalhar mais dois meses (61 dias) por ano, apesar de terem mais qualificações na generalidade. Aliás, é precisamente entre os quadros mais qualificados, maioritariamente ocupados por homens, que a diferença salarial entre homens e mulheres é mais acentuada (25,9%).-----**

**Só na última década, e apesar da violência doméstica já ser tipificada como “crime público”, por iniciativa legislativa do BE, morreram assassinadas às mãos de ex-maridos ou namorados, 400 mulheres, a que se acrescentam 458 tentativas de homicídio. Estudos mostram que a violência no namoro tende a ser encarada como normal pelos jovens de ambos os sexos.-----**

**Passado mais de 40 anos do 25 de Abril, olhamos para esta Assembleia e o que vemos? 25 presidentes de Junta, todos homens. Em 25 freguesias (antes eram 34), nem uma só mulher como presidente de Junta. Também aqui parece que houve uma revolução interrompida.-----**

**Os vencedores do golpe militar do 25 de Novembro, operação de falsa bandeira que uniu a extrema-direita, a direita e o extremo-centro, depois de terem preso militares de Abril, foram indulgentes com os bombistas do MDLP de Spínola, que mataram inocentes como o Padre Max e Maria de Lurdes. Tanto recebavam o poder popular que deram origem a um**

sistema neo-rotativista ao som do baile mandado - “ora agora mandas tu/ ora agora mando eu/ ora agora mandas tu/ mandas tu mais eu”. E foi o que se viu: um fartar vilanagem com os fundos comunitários; a corrupção galopante; a promiscuidade entre o serviço público e os negócios privados; o início do desmantelamento do Serviço Nacional de Saúde com as PPP com hospitais privados; a descapitalização da Segurança Social; o ataque à contratação colectiva e aos direitos laborais, a crescente precariedade dos vínculos de trabalho, no sector privado e na administração pública; o ataque à Escola Pública com a substituição da gestão democrática das escolas pela figura arcaica do director de escola ou agrupamento; 13 mil milhões dos nossos impostos para salvar bancos geridos por malfeteiros que ficam impunes, enquanto uma em cada cinco famílias portuguesas não tem acesso a uma alimentação saudável e muitas outras a uma habitação condigna, direito consagrado na Constituição; 70% das famílias pobres não conseguem pagar o aquecimento durante o Inverno, o que provoca uma taxa de mortalidade invernal de 28%, quando a média europeia é de 15%; e um desinvestimento na cultura e na ciência, escoras do progresso e do desenvolvimento.-----

E se este governo (o atual Governo) faz alguma diferença é apenas porque o povo português teve a sabedoria de votar maioritariamente na esquerda plural, dando-lhe a responsabilidade de formar uma maioria parlamentar que obriga o executivo a negociar permanentemente, exigindo políticas de defesa dos mais pobres, dos pensionistas, dos trabalhadores e dos serviços públicos.-----

Não é por acaso, um deputado de Viseu, aqui sentado, de direita por sinal, chamou a esta maioria “geringonça de Abril”! A democracia ainda funciona, apesar de alguns órgãos já darem sinais de avaria. Tal como nos primórdios da televisão, sempre que uma avaria provocava uma interrupção da emissão, aparecia no ecrã a seguinte mensagem: **PEDIMOS DESCULPA POR ESTA INTERRUPÇÃO! O PROGRAMA SEGUE DENTRO DE MOMENTOS!**, também eu me atrevo a proclamar, hoje, 25 de Abril de 2017: -----

**PEDIMOS DESCULPA, MAS JÁ VAI LONGA A INTERRUPÇÃO!-----**

**A REVOLUÇÃO SEGUE DENTRO DE MOMENTOS!-----**

**VIVA O 25 DE ABRIL!-----**

----- **MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA:** Obrigado Senhor Deputado. Tem a palavra o representante do Centro Democrático Social, CDS, Deputado Carlos Cunha.-----

----- **QUATRO – O SENHOR DEPUTADO CARLOS FERNANDES DA CUNHA (CDS/PP):** Muito obrigado Senhor Presidente, aproveito para o cumprimentar, Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhora Secretária (afinal as mulheres estão representadas e muito bem representadas, se me permitem), Senhor Presidente da Junta nosso anfitrião, meu colega Fernando Rodrigues, parabéns pela magnífica casa que aqui tem e pela obra que tem feito pela sua freguesia, Senhor Presidente da Câmara Municipal de Viseu Dr. Almeida Henriques, Senhores Vereadores, os Senhores Deputados Municipais, Senhor Comandante do Regimento de Infantaria de Viseu, Senhor Comandante Distrital da GNR, Senhor Comandante do Destacamento Territorial da PSP de Viseu, Senhor Comandante da Proteção Civil de Viseu, Senhor Capitão de Abril, Senhor Arnaldo Costeira, Comunicação Social, Público aqui presente, Meus Senhores e Minhas Senhoras. -----

Estamos hoje aqui reunidos na freguesia de Santos Evos para celebrarmos o quadragésimo terceiro aniversário do 25 de Abril. A nossa Democracia (como eu) entrou nos “entas” e dá sinais de maturidade, mas se avançar na idade representa mais experiência e sabedoria, não é menos verdade que, enquanto nação, tivemos de ultrapassar várias provas de esforço e vencer constrangimentos de vária ordem.-----

Na nossa memória coletiva está ainda bem presente o resgate financeiro que fomos obrigados a pedir a 6 de Abril de 2011, e os sacrifícios que tivemos de superar para chegar a uma saída limpa, que aconteceu a 17 de Maio de 2014, altura em que a Troika deixou

Portugal. Saímos dos cuidados intensivos, mas ainda nos encontramos sob vigilância e supervisão financeiras e muito dependentes das avaliações das Agências Internacionais de Rating.-----

Quando um país com 900 anos de história como o nosso, se viu impedido de financiar a sua economia e de tomar as suas opções, o que é isto se não uma forte privação da liberdade?-----

Este foi na história recente de Portugal um dos obstáculos mais difíceis que tivemos de ultrapassar. Foi preciso implementar medidas políticas impopulares como: aumentar impostos, reduzir rendimentos do trabalho e das pensões. Houve muitos portugueses que perderam o emprego e outros tiveram de sair do país à procura de novos rumos e oportunidades. Ainda recentemente fomos alvo de chacota por um senhor de cabelo encaracolado, que preside ao Eurogrupo e que teve o desplante de dizer que Portugal gastou quase tudo em copos e mulheres e depois se andou a pedir ajuda. Como anda enganado este senhor, como anda longe da realidade, enfiado que está no conforto do seu gabinete em Bruxelas. São posições como esta que nos ajudam a perceber os tempos de incerteza que se abatem sobre a atual União Europeia, em que a solidariedade e o espírito de cooperação entre Estados membros estão a ceder lugar ao individualismo, ao cada um por si ou ao salve-se quem puder.-----

Uma Democracia forte precisa de uma justiça igualmente forte e eficiente, no entanto, a sensação que se tem é a da impunidade dos mais fortes. A confiança no sistema bancário sofreu igualmente um forte abalo com sucessivos escândalos financeiros, que comportam uma fatura bem pesada que mais cedo ou mais tarde terá de ser paga e não podemos atirar sistematicamente para as gerações futuras. A corrupção é igualmente outro veneno que corrói a sociedade e mina a confiança dos portugueses. Os mais jovens parecem alheados da participação política, numa indiferença que reforça a abstenção nos atos eleitorais e enfraquece os partidos políticos e a Democracia.-----

Os tempos em que se lutava por ideais comunitários em detrimento do individualismo vão-se desvanecendo, por isso, nunca é demais lembrar a dívida de gratidão que temos para com os Capitães de Abril. Foi a sua ação corajosa e determinada que pôs fim à opressão imposta pelo regime ditatorial do Estado Novo, que vigorou em Portugal durante (uma longa noite) de 42 longos anos.-----

Nesta caminhada que já leva 43 anos, quem como eu viveu quase toda a sua vida em democracia, constata de um modo natural que o poder local está firmemente enraizado na vida coletiva dos portugueses, se nos é permitida a comparação podemos dizer que o poder autárquico eleito democraticamente, tal como o conhecemos hoje, está tão enraizado nas nossas vidas como a internet ou a tecnologia dos *smartphones* estão para um jovem adolescente que nasceu na mudança de século.-----

O poder autárquico vai paulatinamente ganhando mais preponderância, como em tudo na vida temos bons e maus exemplos de gestão autárquica, no entanto, como o afirmam várias entidades o investimento feito pelas autarquias tem muitas vezes mais impacto na vida das pessoas do que o investimento feito pela Administração Central. Esta afirmação podia muito bem servir-nos de mote para um exercício de memória coletiva, basta lembrarmo-nos de tudo aquilo que o poder central teima em deixar de fazer em Viseu, optando antes por concentrar o investimento público num litoral fortemente povoado. Mas afinal onde é que está a tão apregoada coesão territorial? Até parece que em Viseu não se pagam impostos suficientes para termos uma Unidade de Radioterapia ou uma ligação condigna até Coimbra.-----

Em Dezembro deste ano, celebram-se os 41 das primeiras eleições autárquicas, e ao estarmos aqui na Freguesia de Santos Evos não podemos deixar de enaltecer o trabalho daqueles que mais perto estão das populações e que melhor percebem as suas potencialidades e necessidades e melhor sabem encontrar as soluções para os problemas a resolver. O poder local aproximou homens e mulheres interessados no progresso das suas



terras, neste particular presto aqui a minha mais do que merecida homenagem a todos os Presidentes de Junta, incansáveis defensores do seu território e das suas gentes, que representam o estado mais puro da política e que desenvolvem o seu trabalho movidos pelo grande amor que sentem pelas suas Freguesias. São amadores da política e não profissionais.-----

Presentemente, o grande desafio que se impõe a certas freguesias, é de como é que estas serão estas capazes de assegurar a sua continuidade no futuro. É em torno deste objetivo que toda a comunidade deve agregar e mobilizar a sua ação. Todos são precisos e todos são poucos para enfrentar este enorme desafio, pois, cada pedaço de terra desabitado representa um vazio na nossa soberania, que dificilmente será revertido.-----

Para terminar recordo aqueles que como eu têm raízes rurais e que aprenderam com os pais e os avós a amar a terra e a ser disciplinados no trabalho. Não se pedia, trabalhava-se para ter, não se estava à espera que o Estado desse de mão beijada, conquistava-se, lutava-se afincadamente para haver com que governar a casa e educar os filhos. Havia menos fartura, mas dava-se mais valor a tudo aquilo que se conquistava.-----

Os tempos não eram fáceis e o dinheiro escasseava, mas mesmo assim não havia machado que cortasse a raiz da resiliência que fazia com que as pessoas se organizassem, ajudando-se mutuamente nos trabalhos agrícolas e na defesa de interesses comuns, que fizessem progredir as localidades onde pertenciam.-----

Ninguém estava à espera de receber uma mesada do Estado, fazia-se pela vida, ou se estudava ou se trabalhava. Aprendia-se uma arte para se governar honestamente a vida. Com o dinheiro que se ganhava a trabalhar compravam-se, construíam-se ou melhoravam-se as casas de família. Punham-se os filhos a estudar para lhes assegurar um futuro melhor. (o meu destino eram as obras certamente) São os valores do trabalho, da honestidade, da retidão, da ética, da solidariedade e do mérito que devem continuar a prevalecer, pois, são os pilares intemporais em que se deverá alicerçar a construção da sociedade futura, que se pretende mais culta, mais moderna e próspera e termino citando o poema 25 de abril da autoria de Sophia de Mello Breyner Andresen:-----

Esta é a madrugada que eu esperava-----

O dia inicial inteiro e limpo-----

Onde emergimos da noite e do silêncio-----

E livres habitamos a substância do tempo!-----

Viva a Democracia!-----

Viva Portugal!-----

Viva Viseu!-----

Muito obrigado.-----

----- **MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA:** Obrigado Senhor Deputado. Tem a palavra o representante do Partido Socialista, Dr. Ribeiro de Carvalho.-----

----- **CINCO – O SENHOR DEPUTADO ANTÓNIO AUGUSTO ESPINHA RIBEIRO DE CARVALHO (PS):** Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Viseu e Senhores Membros da Mesa, Senhor Presidente da Câmara Municipal de Viseu, Senhoras e Senhores Vereadores, Senhoras e Senhores Deputados Municipais, Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Santos Evos, Excelentíssimas Autoridades Cívicas e Militares, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

Cabe-me, em representação do Grupo Municipal do Partido Socialista na Assembleia Municipal de Viseu, começar por cumprimentar Vossas Excelências nesta sessão solene evocativa do “25 de Abril”.-----

Foi há 43 anos (como o tempo passa...) que um grupo de jovens Capitães derrubou um regime caduco que durante 48 anos (e não 42 como disse o Senhor Deputado Carlos Cunha) proibiu, reprimiu, prendeu, torturou e, principalmente calou os sentimentos mais profundos do Povo Português.-----

Pertenço àquela geração cuja formação política se forjou no Associativismo Estudantil e

nas lutas académicas, geração essa, generosa e ingénua, que acreditava, como se de dogmas se tratasse, que a queda do fascismo, por si só, traria ao Povo Português mananciais de felicidade e que os Governos que viessem a governar em Democracia pautariam sempre a sua conduta pela seriedade de intenções e transparência de processos, donde resultaria, inevitavelmente, a melhoria das condições de vida e trabalho para todos os Portugueses, a começar pelos mais desfavorecidos.-----

Cedo porém, e infelizmente, nos fomos dando conta de que a Liberdade, valor primeiro, de entre todos o mais querido, esse, formalmente existe. E digo que existe formalmente porque não há inteira Liberdade quando não há pão para todos, não há saúde igual para todos, não há justiça igual para todos, não há instrução igual para todos, nem há um tecto para todos.-----

Onde, quando e de que maneira se procurou, realmente, alcançar esses ideais, tão caros à minha geração?-----

Infelizmente nenhum dos vários Governos que se foram sucedendo em Portugal conseguiu, verdadeiramente, trazer ao Povo Português a prosperidade económica que este merece, nem fixar os Portugueses no seu País, constituindo hoje a diáspora um muito significativo número de Portugueses que se viram forçados a vender no estrangeiro a força do seu trabalho. E, ao contrário dos negros anos do fascismo, em que a emigração era maioritariamente de pessoas não qualificadas, hoje a maioria dos que emigram pertencem à elite intelectual dos que adquiriram licenciaturas, mestrados e doutoramentos nas nossas Universidades, cujo funcionamento todos nós suportamos.-----

Depois do “orgulhosamente sós”, em cumprimento de um dos três “D” da Revolução de Abril, a Descolonização procedeu ao desmantelamento do então chamado “Império Colonial Português”, e Portugal recolheu-se de novo à sua condição de pequeno País, o mais a Oeste da Europa, pelo que, outro caminho lhe não restou de que voltar-se para essa Europa, a que sempre virou costas voltando-se para o Mar que foi desbravando até aos confins do Mundo.-----

Portugal aderiu, pois, à União Europeia e assistiu-se a um fluxo de entrada de dinheiro inimaginável de milhões de euros diários e durante muitos anos. Infelizmente quem nos governava então, por falta de visão estratégica aplicou massivamente esse dinheiro em betão, esquecendo que deveria encaminhá-lo, primordialmente, para o verdadeiro desenvolvimento económico e social do País nas áreas-chave de transformação estrutural – qualificação, tecnologia, especialização produtiva e emprego, desenvolvimento regional e estruturação do espaço económico nacional, repartição e consumo, estrutura e aproveitamento da propriedade e gestão dos meios de produção.-----

Mais do que isso, desastrosas negociações conduziram ao abandono da agricultura e ao desmantelamento da nossa frota pesqueira e do nosso pujante e tradicional comércio marítimo com navios de bandeira nacional. Para depois, mais tarde, os mesmos personagens invocarem que o mar é o grande desígnio nacional...-----

Já em anos recentes, e na sequência de um pedido de resgate, eventualmente desnecessário, já que a poderosa Alemanha e a própria União Europeia tinham apadrinhado o chamado PEC 4, assistiu-se ao mais duro cenário de austeridade em que um Chefe do Governo se gabava de introduzir medidas restritivas ainda mais gravosas do que as impostas pela “Troika” e defendia o empobrecimento do País pois, dizia, só assim Portugal se salvaria e recuperaria uma boa situação económica e a imagem de bom aluno.-

Afinal, com essa política, ao contrário do propalado, assistiu-se ao colapso do sistema financeiro, com os principais Bancos a terem de recorrer à linha pública de capitalização, tendo até alguns implodido e, pelo esmagamento do crédito às empresas, maioritariamente médias e pequenas, assistiu-se ao encerramento de milhares delas, com os consequentes agravamento do desemprego e da fome, e que teve como imediato resultado a emigração de quadros que tanta falta vão fazer ao País para a sua efetiva recuperação económica.-----

E, é bom não esquecer, durante esse período noturno do nosso País, as mais importantes

empresas nacionais em sectores estratégicos passaram para mãos estrangeiras, como a EDP, a ANA, a PT, e tantas outras.-----

Felizmente, depois desse sombrio período, o Governo do Partido Socialista veio provar que é possível alterar o estado de coisas por forma diferente da austeritária, aumentando os salários, fazendo crescer a economia, diminuindo o défice e o desemprego e, para mim mais importante ainda, recuperando a paz social e tornando o País mais distendido e menos descrente no futuro.-----

Chamam-lhe a “Geringonça”, bizarro nome, que de insultuoso passou a respeitado, para um Governo que governa com e para os Portugueses e que conseguiu, ao contrário do que sempre afirmaram os “Profetas da Desgraça”, trazer para a zona da responsabilidade, que não apenas a da contestação e oposição, os Partidos mais à esquerda do espectro Partidário com representação Parlamentar, até aí fora do por alguns discriminatoriamente chamado “Arco da Governação”.-----

Daqui, também e por isso, a minha particular saudação ao Primeiro-Ministro António Costa.-----

Comemorar o “25 de Abril” é, antes do mais, lembrar e agradecer àquele punhado de jovens Capitães que patrioticamente se rebelaram contra a Ditadura e devolveram ao Povo Português a capacidade de livremente se manifestar e escolher o destino coletivo da Nação, não podendo esquecer os então Capitães do R.I. 14 de Viseu que participaram nessa jornada gloriosa: Diamantino Gertrudes da Silva, António Amaral, Aprígio Ramalho, Arnaldo Costeira (aqui presente) e Amândio Augusto.-----

Mas comemorar o “25 de Abril” é também comemorar o Poder Local, o Poder Autárquico, aqui, numa freguesia, primeiro escalão desse Poder, o que mais próximo se encontra das populações e mais com elas compartilha alegrias e tristezas, anseios e realizações. Na pessoa do Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Santos Evos, nosso anfitrião, saúdo todos os Presidentes de Junta deste nosso Concelho de Viseu, a quem felicito pela espinhosa, mas muito honrosa tarefa que desempenham.-----

Uma última palavra para os Jovens que tiveram a felicidade de não ter vivido antes dessa gloriosa manhã que foi a de 25 de Abril de 1974 e, por isso, não foram sujeitos à ignomínia e ao desespero que é viver sem Liberdade. Liberdade que, essencialmente, é o direito de dizer NÃO.-----

E é a isso que Vos exorto, a que exerçam, firmemente mas com responsabilidade, o direito e o dever de dizer NÃO, para que possam dispor, em Paz e Liberdade, do Vosso destino e do destino dos Vossos concidadãos para o bem de Portugal.-----

Viva o 25 de Abril-----

Vivam os gloriosos Capitães de Abril-----

Viva Viseu-----

Viva Portugal.-----

----- **MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA:** Obrigado Senhor Deputado. Tem a palavra a representante do Partido Social Democrata, a Deputada Filipa Mendes.-----

----- **SEIS – A SENHORA FILIPA MANUELA CARVALHO DE ALMEIDA MENDES (PPD/PSD):** Muito bom dia a todos.-----

Começo por cumprimentar o Excelentíssimo Presidente da Mesa da Assembleia Municipal de Viseu, Digníssimos Membros da Mesa, em especial para o Presidente da Junta de Santos Evos o Professor Fernando que nos recebe aqui, Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhoras Vereadoras, Senhores Vereadores, Excelentíssimos Senhores Deputados e Deputadas da Assembleia Municipal de Viseu, Senhores Presidentes da Junta atuais e antigos, Excelentíssimos Convidados em especial o Dr. Pedro Santos Guerreiro, Senhor Capitão de Abril aqui presente e demais Entidades Civas, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

“Esta é a madrugada que eu esperava-----



O dia inicial inteiro e limpo-----  
Onde emergem da noite e do silêncio-----  
E livres habitamos a substancia do tempo”-----  
Sophia de Mello Breyner 25 de abril.-----  
Quando o poema é bom, é efetivamente bom.-----  
A minha palavra é de agradecimento aos Capitães de abril, ao Senhor Capitão de abril aqui presente e a todos os que reuniram coragem e esperança de iniciar um Portugal diferente, retiraram-nos da noite e do silêncio em que vivíamos.-----  
43 anos depois. 43 anos de liberdade. 43 anos de coragem. 43 anos de abertura ao mundo com 31 anos ligados à Europa. 41 anos de poder local. 41 anos de eleições livres.-----  
Relembramos e homenageamos hoje os militares e civis que contribuíram para o fim do estado novo e para as conquistas alcançadas no 25 de abril e no 25 de novembro - continuam nossas, nossas enquanto cidadãos portugueses, europeus e do mundo. São nossas mesmo para os nascidos muitos anos depois daquela madrugada em que os militares em Lisboa, mesmo indisciplinados face aos seus superiores hierárquicos, pararam os tanques quando passaram por um sinal vermelho, até que um General afirmou: “estamos aqui para fazer uma revolução não para parar em sinais vermelhos.”  
Cena famosamente recriada no filme “Capitães de Abril” de Maria de Medeiros. De facto uma revolução que respeita os sinais de trânsito talvez pareça caricato. Mas não é. Os Capitães de abril eram idealistas e talvez um pouco ingénuos sobre aquilo que poderia acontecer. Mas o que seria do mundo sem sonhadores?-----  
Uma revolução não tem donos, proprietários e se os tivesse seria uma ditadura. É de todos e todos nós somos os seus legítimos defensores e construtores.-----  
Portugal percorreu um caminho de novas descobertas depois de abril de 74, qual novos descobridores de terras e sítios desconhecidos. Muita coisa correu mal, por inexperiência ou mesmo política intencional mas também da mesma maneira percorrermos os caminhos certos com frutos para as novas gerações de portugueses.-----  
A queda do Estado Novo e o 25 de Abril trouxeram também o sonho da europa. Da comunidade. Dos seus valores. Da sua cultura. De nos sentirmos efetivamente cidadãos europeus.-----  
Naturalmente que podíamos ter feito mais, melhor, escolhido outros caminhos, mas da mesma forma que nos trouxe a liberdade e a europa, abril também nos trouxe a responsabilidade do livre arbítrio e do peso das nossas escolhas.-----  
E Portugal fez-se e faz-se de factos e não de “e se”.-----  
É um gosto como aqui já foi dito, fazer parte de uma geração que nasceu, cresceu e viveu e vive sem qualquer vinculação negativa ao regime anterior. E ainda bem. Foi para isso que se fez abril. Vivemo-lo pelas histórias que nos contam, em casa, na escola, nos pais dos amigos, nos que já vivem a política há mais tempo. Entendemos e devemos perceber o mérito e coragem daqueles homens e mulheres que lutaram de diversas formas para que a revolução acontecesse.-----  
A minha geração continua a ter uma preocupação profunda com o Portugal de hoje e do futuro, preocupação com o emprego, com o investimento, com as questões sociais e ambientais, com a justiça, com o futuro da europa, com a transparência da res publica e definitivamente com a responsabilidade de atuação dos responsáveis governativos. A juventude portuguesa do amanhã não pode arriscar um 4º pedido de ajuda externa em 43 anos de democracia. Recusamos continuar a pagar a fatura de fantasias despesistas e recheadas de demagogia.-----  
Assim, devemos, por um lado, afastar os Velhos do Restelo que acreditam ser desprestigiante pertencer a vida política portuguesa e, por outro lado, assumirmos a obrigação de fazer dela uma atividade com superlativo sentido de estado, em abundante falta nos dias que correm.-----  
Quanto aos novos populismos, muitas vezes camuflados de esquerda e de direita, não o

sendo, estes estão a criar um sentimento anti europa que nega precisamente o conquistado há 43 anos atras. Negam os valores da liberdade e da revolução, criam um fosso entre Portugal e a Europa e frustram as expectativas dos mais novos. Onde está a sociedade de oportunidades? É este o novo pensamento sobre solidariedade intergeracional?-----  
Os jovens sempre acreditaram numa europa para todos, fazendo parte das suas vidas, participando no programa Erasmus, nos interrails, em estágios internacionais. Numa Europa que mudou mas continua cheia de oportunidades e experiencias, que alarga horizontes, abre portas ao mundo para sermos nós a mudá-lo e sermos mudados.-----  
Quem se aproveita da atual fragilidade do modelo europeu para divulgar ideias anti europa (do interesse de certas facções partidárias) é estar a defraudar os valores de abril e dos jovens de 74 que são iguais em desejos e ambições aos jovens de 2017.-----  
Não podemos abandonar e esquecer aqueles países onde ainda não se fez abril, fechados em ditaduras com líderes envergando fardas de supostos heróis do povo mas onde não há liberdade, democracia ou partidos políticos.-----  
Não podemos igualmente continuar a pactuar com aqueles, muitos deles dirigentes políticos, que pararam no tempo e vêm o 25 de abril com olhos toldados, sem atualizar revoluções, sem atualizar os ideais de abril, fechados dentro da sua própria razão partidária e ideológica. São precisamente esses que passam a ideia errada de que os jovens estão afastados da política.-----  
Os jovens não se reveem nesse saudosismo bacoco. Há de facto na classe política portuguesa um envelhecimento de espírito que não admite mudanças e visões diferentes.---  
O partido que represento, o Partido Social Democrata e a autarquia de Viseu sempre souberam reconhecer o valor, importância e o inestimável contributo das novas gerações. Mas é sempre necessário mais. Sem arrogância, sem preconceitos e absolutamente sem conversas, ações e políticas que diminuam a capacidade intelectual própria da população jovem portuguesa.-----  
Aliás, alguns que defendem ser vanguardistas, quando chegam ao poder, nunca rompem com o predefinido, são os mesmos que não subscrevem a urgente reforma do estado e que não acabam com interesses estabelecidos.-----  
A social-democracia sempre defendeu, desde a primeira hora, reformas, com coragem de assumir o mais difícil, custando aquilo que é mais caro em política: votos e eleições. Citando Francisco Sá Carneiro: “Primeiro Portugal, depois o partido e por fim a circunstância pessoal de cada um”. Saiba Portugal ter coragem para reformar, mudar e romper, sem tabus ideologistas.-----  
Uma palavra muito especial também para os antigos presidentes de junta do concelho de Viseu que hoje são aqui com absoluta pertinência homenageados e da mesma forma também uma especial palavra para aos atuais presidentes das juntas de freguesias. Com especial referência para o nosso professor Fernando Rodrigues que nos recebe aqui hoje na Junta de Freguesia de Santos Évos. Foram e são eles que no terreno constroem abril e revolucionam o país. O Partido Social Democrata está naturalmente grato e honrado pelo vosso trabalho em prol dos viseenses e de Viseu.-----  
Como deverá ser então o espírito abrilista em pleno século XXI? A recomendação foi dada há 50 anos atras por quem cheio de reconhecido valor foi o maior revolucionário que Viseu viu nascer, cito:-----  
“...Olhem sempre em frente, olhem o sol, não tenham medo de errar, sendo originais, iconoclastas e anti, o mais anti que puderem, e verdadeiros, fugindo aos velhos caminhos trilhados de pé posto e a todas as conjuras dos velhos do restelo. Cultivem a inquietação como fonte de renovamento. E enquanto vivemos, “facemos” de conta que trabalhamos para a eternidade e que tudo o que é produção do nosso espirito fica gravado em bronze para juízes implicáveis julgarem a sua hora”.-----  
Minha senhoras e meus senhores o visionário Aquilino Ribeiro.-----

E Portugal irá cumprir-se? E ser fonte de renovamento? Com certeza. Com magnânimos edificadores do futuro, revolucionários que faram melhor e diferente, em abril ou noutra mês qualquer, com cravos ou outras flores bonitas, Portugal será maior porque maior será sempre sua gente.- Porque “alcança quem não cansa”-----

Viva Viseu. Viva Portugal. Viva o 25 de abril.-----

----- **MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA:** De seguida vamos ter uma Conferência para a qual a Assembleia Municipal endereçou o convite a uma personalidade ilustre, um nosso conterrâneo, o Dr. Pedro dos Santos Guerreiro, um distinto Jornalista, com um percurso profissional exemplar e que é Diretor de um jornal de referência, o Expresso, a quem agradecemos toda a disponibilidade para estar aqui hoje connosco. Tem a palavra, Senhor Dr. Pedro dos Santos Guerreiro.-----

----- **SETE – O SENHOR DOUTOR PEDRO DOS SANTOS GUERREIRO:** Bom dia a todos. Eu vou deixar para o fim a frase mais importante que hoje vou dizer, que não é minha, mas é de todos, e é a frase que hoje mais vezes é dita em Portugal e que é mais vezes dita todos os dias 25 de Abril, e vou deixá-la para o fim, porque sendo a mais importante, a sua repetição pode banalizá-la, e eu vou tentar no fundo justificar a importância dessa frase que não vos vai surpreender ao longo destes cerca de 15 minutos durante os quais falarei. Mas vou começar por agradecer. Agradecer o convite para estar aqui e agradecer à Assembleia Municipal de Viseu, agradecer ao Dr. Mota Faria claro, agradecer ao Senhor Presidente da Câmara Dr. Almeida Henriques, agradecer a forma como fui recebido e como fomos recebidos pelo Professor Fernando Rodrigues Presidente da Junta, quero cumprimentar a Senhora Secretária Cristina Paula, e quero obviamente cumprimentar todos os que aqui estão presentes. Mas, o agradecimento maior que eu faço não é por poder falar, é por poder estar aqui. Sou de facto conterrâneo, sou de Viseu, esta é a minha terra, ou se quiserem esta é a terra de quem eu sou. Aqui há um ano estive cá nas Comemorações o Henrique Monteiro, Jornalista como eu, que trabalha no Expresso como eu, que é meu amigo, é meu camarada e é nosso conterrâneo. Talvez não saibam, mas, eu sou o sétimo Diretor do Expresso e dos sete, cinco foram beirões, aliás, todas as segundas-feiras há uma reunião de manhã no Expresso, das várias, enfim, das chefias, dos editores, e há uma piada que eu ouço muitas vezes, mas que não enjeito e pelo contrário acolho, que é, sempre que se fala de alguma coisa que tem a ver com Viseu, coisa que acontece felizmente muitas vezes, eu ouço que, e há muitos jornalistas de Viseu a trabalhar em Lisboa eu ouço que o lobby de Viseu tem mais influência do que qualquer maçonaria ou de que qualquer igreja em Portugal, e eu agradeço esta graça e vou fazendo por praticá-la. Agradecendo estar aqui devo também situar-me. O Expresso foi fundado em 73, eu nasci em 73, quatro dos atuais membros da Direção do Expresso nasceram em 73, e portanto, eu como muitos, não fui sujeito, para usar a sua expressão, à ignomínia e ao desespero de viver sem Liberdade e portanto, não, nós não dizemos que sim e sim, nós dizemos que não, e essa é uma função que nós como jornalistas temos, só para citar também Aquilino, que aqui já foi citado, ser anti, ser o mais anti possível, e essa função que nós temos, a função de jornalistas faz parte do equilíbrio de poderes que também se conquistou, ou se renovou, ou se recuperou no 25 de Abril. Há 43 anos e um dia esta reunião provavelmente era ilegal, e era ilegal porque seria subversiva, e seria subversiva não porque aqui estivéssemos, como não estamos a congeminar nenhum golpe de estado mas, apenas porque estamos a pensar em voz alta. Se eu hoje como jornalista posso dizer praticamente, e este advérbio não é irrelevante, praticamente tudo o que pensar, tudo o que quiser, é porque estou protegido pela Constituição da República Portuguesa, estou legalmente protegido pela primeira fonte de direito para fazê-lo, ou praticamente é porque a mesma Lei também estabelece a relação que existe sempre entre Liberdade e Responsabilidade e também limita os meus direitos e deveres enquanto jornalista, e limita-os precisamente pelo respeito e legalidade que eu tenho que obedecer, eu e todos os jornalistas à obediência dos direitos dos outros, dos direitos individuais dos outros, daí, eu

praticamente, não posso dizer tudo o que quiser, eu tenho que obviamente respeitar os direitos dos outros tenho que respeitar a Lei, e se olharmos para a Constituição, encontramos aquilo que pode parecer um pequeno paradoxo, a Constituição defende e protege o direito de associação partidária exceto de partidos fascistas e isto pode parecer um paradoxo porque se é a proteção da liberdade democrática, então não aceitar partidos não democráticos, é liberdade? É. É porque a liberdade deve proteger-se a si própria começando pela lei e nós somos um estado de direito, e isto não é um chavão, e porque a Liberdade tem que ser protegida todos os dias, e é por isso que, não tendo estado eu sujeito a essa ignomínia e a esse desespero de viver sem liberdade, devo fazer mais não apenas como jornalista mas como homem do que expressar a gratidão que expresse a todos aqueles que lutaram pela liberdade, fossem políticos fossem militares, fossem povo, para que eu hoje possa estar aqui, mas mais do que agradecer, ou além de expressar essa gratidão, e saber pelo menos reconhecê-la, eu tenho que fazer com que aqueles que depois de mim me possam também agradecer a mim e à minha geração. Não basta agradecer e reconhecer a liberdade, é preciso lutar por ela todos os dias, e este todos os dias é em tudo aquilo que fazemos, nós jornalistas, claro, mas não só, os políticos, os médicos, aqueles que trabalham nas escolas, porque os valores de Abril não se resumem à palavra Liberdade porque senão não será uma chave de futuro, será sempre só um chavão passado e os valores de Abril são muito mais extensos felizmente, e muito mais ricos do que apenas estes. Chamam à Comunicação Social 4º poder e com razão, mas, se somos 4º poder é porque há outros três, e os outros três poderes que são o poder Legislativo, portanto, exercido por aqueles que nós elegemos nas Assembleias, sejam central sejam locais, o poder Executivo, ou seja, dos Governos ou dos executivos municipais, e o poder Judicial, os Tribunais, dos Procuradores, e são estes quatro poderes que se equilibram entre si, ou que tentam equilibrar-se entre si, e embora todos eles achem que têm menos poder do que deviam, e todos eles achem que os outros poderes talvez estejam a abusar do poder que têm, é do equilíbrio destes quatro poderes que se consegue pelo menos contribuir e lutar por uma sociedade mais justa e mais equilibrada e que respeite os limites desses poderes, e é precisamente da confluência e quase às vezes da agressão entre esses poderes que se consegue ou não, que se consegue lutar por uma sociedade mais justa. A Imprensa entre nisto e daí chamar-se contra poder e bem, e reparem que não é anti poder, é contra poder, a Comunicação Social entra nisso precisamente porque tendo a Liberdade que tem, uma Liberdade consagrada pela Constituição tem a responsabilidade de a saber usar e saber usá-la não é apenas respeitar a Lei, não é apenas não agredir os direitos individuais, mas é sobretudo saber que esse poder tem uma função, que é uma função social, é uma função pela melhoria das condições da sociedade como um todo. É muito interessante mas não surpreendente a quantidade de vezes que hoje já aqui ouvimos falar de dinheiro, não diretamente dinheiro, mas do sistema financeiro, da banca, dos resgates e estamos por razões compreensíveis muito martirizados pelo discurso e pela prática, pela opressão da falta de dinheiro, dos resgates, da salvação dos bancos, de uma espécie de opressão que sentimos vinda de fora, seja pelo sistema financeiro, seja por poderes que lidam com eles, poderes políticos nomeadamente na União Europeia, e que nos sintamos portanto, muito oprimidos por isso, e temos falado muito, muito de dinheiro em Portugal e na Europa, e isso começou a tomar demasiadamente conta das nossas vidas e da vida daqueles que exercem os diversos poderes, Legislativo, Executivo, Judicial e até da Comunicação Social, acontece que falarmos tanto de dinheiro, que é obviamente uma extroversão, uma reação a essa pressão e a essa opressão, tem feito também com que estes poderes se deteriorem, não apenas porque têm menos dinheiro, mas porque é realmente fácil e tentador esquecermos do que é que andamos aqui a fazer, e o que andamos aqui a fazer é lutar por uma sociedade mais justa. A palavra Povo parece que caiu em desuso e agora, usam-se outras palavras que não são más, mas não há que ter medo da palavra povo, e se cada um destes poderes não lutar quotidianamente pela melhoria das condições de vida do Povo, então

desliga-se do Povo, e o Povo desliga-se destes poderes. O que eu estou a dizer não é uma abstração, quando se vê em França neste fim-de-semana os resultados das eleições e vemos que não apenas a extrema-direita consegue uma percentagem de votos como não tinha tido na 5ª República e vemos os partidos da governação como dizemos em Portugal, portanto, os Partidos que ao longo dos últimos 30 anos liderarem França terem resultados tão confrangedores, isso quer dizer alguma coisa, quer dizer muita coisa, vou dar o exemplo do Partido Socialista Francês como mero exemplo, mas o Partido Socialista Francês foi dizimado nestas eleições, e se olharmos, isso aconteceu em França, o Partido Socialista quase desapareceu, na Grécia, em Espanha, e mesmo em Portugal, se não fosse esta solução de poder que foi encontrada provavelmente o Partido Socialista teria tido uma crise muito maior do que aquela que atravessa. Não estou a falar propriamente do Partido Socialista, estou a dar o exemplo dos partidos da chamada social-democracia europeia, aqueles que defendem a social-democracia e portanto, defendem sociedades com equilíbrio de poderes, sociedades com justiça social, com proteção social. Em Portugal isso não tem acontecido felizmente, nós não temos a emergência de partidos nem de extrema-esquerda, nem da extrema-direita o que é um sinal supponho eu, sobretudo de maturidade do Povo, mas tem havido outra forma de desligamento que é a abstenção, isso está estudado, não é uma opinião, está estudado que o crescimento da abstenção está diretamente relacionado com a falta de identificação entre o Povo e os partidos políticos, e com isto o que eu quero dizer é que, se aqueles quatro poderes, e agora estou a falar do poder político porque a política é isso, Abril também nos ensinou e também revalidou, a política é a melhor forma de organização social. Como a democracia é um regime menos imperfeito, como disse Churchill e a defesa pela política, que não devemos confundir com a defesa por cada partido, mas a defesa da política enquanto forma de organização social não pode ser sacrificada e não deve ser sacrificada por mais desilusões ou frustrações que se sintam em relação a determinados partidos, ou que se sinta perante precisamente uma dificuldade muito grande que se observa nesses partidos que foram gerindo, que foram livrando os países europeus perante a incapacidade de emancipação, perante aquilo que começaram por ser problemas financeiros e que hoje, enfim, quando falamos das Agências de Rating, e é mesmo muito impressionante o poder que uma Agência de Rating tem sobre um país, mas quando ouvimos, quando vemos esse desligamento e vemos tanta gente a falar na Europa, não só em Portugal mas na Europa, a falar de resgates, a falar do sistema financeiro, quando vemos que este continente que foi construído, esta União Europeia que foi construída essencialmente como um projeto de Paz que está tão ensimesmada e tem tanta dificuldade em responder, ou em dar respostas aos cidadãos, ao Povo, a essa opressão financeira, e vemos a emergência de partidos nacionalistas pela falta de resposta perante isso, pelas ameaças do terrorismo, que são ameaças novas, porque embora vivamos com terrorismo há muito anos, não vivemos nunca um terrorismo como este, um terrorismo do auto denominado estado islâmico porque não é um terrorismo que emane diretamente de uma hierarquia, não é sequer celular como era a Al-Qaeda, é apenas inspirado por uma doutrina, (apenas, que não é apenas), mas é inspirado por uma doutrina radical e assassina que depois inspira os chamados lobos solitários a por si só cometerem atos assassinos como nós temos visto por todo o lado na Europa, e juntando todo isto, esta política do assente no medo ou que tenta aproveitar o medo com os problemas financeiros, chegamos sobretudo ao desligamento entre Povo e a política e eu que estou sempre a falar de Abril quando falo disto, e aqui entra o Poder Local, o Poder Local tem raízes que vêm desde o início da história de Portugal, quando, logo na fundação, no período da reconquista aos mouros, os primeiros Reis, D. Afonso Henriques a D. Dinis criaram ou outorgaram a chamada Carta de Foral, eles estavam a definir amplas liberdades às populações dos municípios ainda que estivessem sob supervisão régia, e na altura o interesse até era defender e resguardar os territórios, mas isso fez com que em Portugal o chamado feudalismo o regime feudal não fosse tão ortodoxo como noutros países e como



noutras regiões da própria Península e se nós analisarmos, eu vou apenas usar três ou quatro pontos, não vou obviamente fazer a história do Poder Local, mas se olharmos para três ou quatro pontos vamos sempre observar uma dialética entre centralização e descentralização e quando olhamos para a organização administrativa do país, ela ainda descende de uma organização feita no final do século XIX quando o Liberalismo trouxe um pendor muito mais descentralizado à governação. Alexandre Herculano defendia um pensamento político e social que era assente no municipalismo, portanto, descentralizado, era uma solução que era apoiado nos concelhos enquanto núcleos descentralizados, os concelhos seriam a base para um primeiro desenvolvimento moral dos cidadãos e depois levaria ao desenvolvimento material das populações. A Implantação da República é proclamada na varanda de uma Câmara Municipal, a de Lisboa, e o que se estava a implantar, era e cito, um regime de Liberdade e Paz. Reparem nestas palavras Liberdade e Paz, eu já vou voltar a elas, apenas para dizer que os valores de Abril não são originais de Abril, mas são originais do homem. Depois com o Estado Novo, e como aqui já vimos, a própria noção histórica, daí a correção há bocado, a correção entre aspas entre 42 e 48 anos, a própria noção histórica do que foi um regime de opressão não casa necessariamente com um período de Estado Novo, a retificação referia-se obviamente a 1926, mas depois em 1936 o Estado Novo legislou e transformou as Câmaras Municipais com exceção das de Lisboa e do Porto em órgãos apenas executivos, o Presidente da Câmara era nomeado pelo Governo e havendo no país um sistema de partido único, a União Nacional, as consequências centralizadoras estavam obviamente marcadas e é também por isso que o 25 de Abril vem devolver ou consignar a partir de 1976 o poder autárquico passa a ser consubstanciado por eleições livres portanto, esta é também uma consequência direta da Liberdade e da instalação do regime democrático do 25 de Abril.--- Eu sou Jornalista há 20 anos, e há 20 anos que ouço falar da relação entre Poder Central e Poder Local, e só ouço há 20 anos porque sou Jornalista há 20 anos, é um choque permanente e é bom, é um choque que existe por boas razões. Num país que é evidentemente centralizado, eu vivo em Lisboa e eu vejo todos os dias o que é um regime centralizado não apenas numa cidade, mas numa espécie de bolha que existe na política lisboeta que faz, não apenas com que todo o poder ali esteja centralizado, mas sobretudo com que pareça não haver uma noção do que é o país real, isto não é uma frase feita, é muitas vezes muito evidente que o poder de Lisboa, e reparem que o poder de Lisboa não é apenas o poder político, como o poder de Lisboa parece não conhecer e provavelmente não conhece o país, mas se eu sei isso, eu sou provavelmente a pessoa desta sala que pior sei isso porque todos os outros que aqui estão sentem isso todos os dias nas suas vidas, e portanto, quando nós ouvimos falar de primeiro de regionalização, agora estamos a falar de descentralização, era bom que não estivéssemos a falar disso por causa de dinheiro, porque nos últimos anos as razões que eu ouvi sempre para balançar ou balancear a centralização ou a descentralização foram sempre por dinheiro, as Juntas de Freguesia acabaram por dinheiro, as CCDRs acabaram por dinheiro. Quando se criticava as Câmaras porque todos os anos, e agora já não é assim, mas todos os anos chegávamos a novembro e havia sempre uma surpresa má na execução Orçamento de Estado que vinha das Câmaras, estávamos sempre a falar de dinheiro e era bom que não tomássemos decisões ou que não aceitássemos essas decisões apenas porque causa do dinheiro, não porque o dinheiro seja irrelevante mas porque é um meio, não é um fim. As Juntas de Freguesia por exemplo, é muito claro que extinguir ou fundir freguesias em Lisboa, não tem nada a ver com extinguir ou fundir freguesias em Viseu, e eu não acho, enfim, eu não sou defensor da extinção de Juntas de Freguesia sobretudo fora de Lisboa, pelo contrário, acho que é uma representação direta e próxima das populações e portanto de agremiação de forças contra as forças mais fortes, mais poderosas do país, pela defesa e pela representação das populações. Eu há bocado falei e citei já dois ou três momentos em que se falou de Liberdade e se falou de Paz e de Prosperidade no passado, são valores do

homem, portanto, são valores se quisermos, humanistas. Se lermos a Carta de Independência dos Estados Unidos que é de 1776, o princípio dessa Carta tem uma das frases mais inspiradoras, eu acho, e reparem que estamos a falar de 1776 uma frase muito curta diz mais ou menos tudo, quando diz que nós tomamos estes direitos como auto evidentes, portanto, eles não precisam de ser demonstrados, tomamo-los como direitos auto evidentes que todos os homens nascem iguais e todos têm direito a um conjunto de verdades inalienáveis, direitos inalienáveis que são o direito à Vida, à Liberdade e à busca da Felicidade. O meu ponto não é analisar este documento em si mesmo até porque, como sabemos havia escravatura nesta altura e portanto há óbvias contradições entre aquilo que foi escrito neste tratado e aquilo que se praticava, o meu ponto não é esse, eu estou a falar dos Estados Unidos porque ao Estados Unidos são fundados em grande parte por pensamentos que vêm da Europa, por grandes filósofos europeus como Tocqueville, filósofos franceses, ingleses e isto é 23 anos antes da Revolução Francesa que consagra como princípios a Igualdade, a Fraternidade e a Liberdade, em 1789, e o que eu quero dizer com isto, é que os princípios de Abril não são originais de Abril, são originais do homem e que o nosso papel e acho que é o de nós todos no exercício das suas funções, seja como jornalista, seja como político, seja em todas as nossas vidas, é não apenas reconhecer, portanto, expressar essa gratidão pela Liberdade, mas continuar a defendê-la todos os dias, porque a liberdade e os valores de Abril devem ser defendidos todos os dias, mais que defendidos, praticados, porque nesses valores incluem-se muitos outros e esses outros são a Paz... reparem, nós quando estávamos aí fora estivemos a assistir a uma dança pela Paz, a Paz, a Fraternidade, a Liberdade, ou se quisermos, para usar uma frase que está num livro cujo título já foi aqui citado, O Portugal Amordaçado, que o Expresso está a reeditar, depois dele, enfim, o livro está esgotado há 40 anos e nós começámos a reeditá-lo esta semana, o Livro Portugal Amordaçado, de Mário Soares e que é um livro com que muitos concordaram e com que muitos discordaram, mas esta ideia de que a política do 25 de Abril foi feita e agora vou citar, pela Igualdade e a Felicidade dos homens na Liberdade, na Fraternidade e na Paz, reparem na repetição destas palavras ao longo de tantos documentos de humanistas, documentos políticos, humanistas ao longo dos últimos séculos, dos séculos posteriores ao renascimento e portanto, com tudo isto o que eu quero dizer é que falar do 25 de Abril não é falar do passado, é obviamente uma comemoração, e é uma comemoração gloriosa e que eu também abraço, mas não é uma memória, e não é como aqui foi dito, apenas um dia, um dia na vida, mas, todos os dias da vida no exercício desses valores de Abril, valores que aprendi aqui nesta região, que aprendi no dia-a-dia nesta região da beira, valores que aprendi em casa, com os meus pais, com os meus irmãos, a minha família está aqui hoje presente, e eu estou muito orgulhoso por isso, valores que eu tento replicar e ensinar aos meus filhos, e acho que essa é nossa função, fazer com que estes valores passem de geração em geração até à consumação dos tempos, como escreveu Aquilino Ribeiro também, mas são valores que devem ser concretizados não apenas pela preservação da Liberdade para que possamos continuar a pensar em voz alta, para que possamos exigir, criticar, para que possamos ter e continuar a ter um sistema de educação, que é provavelmente uma das maiores conquistas de Abril, não estou a comparar rankings de Portugal com a Europa, não é isso que eu estou a falar, estou a falar da educação que se democratizou e chegou a todo o país e isso significa uma igualdade de oportunidades para todos aqueles que nas cidades, nas aldeias querem e conseguem estudar, igualdade no acesso à saúde, nós temos um serviço de saúde de grande qualidade, não temos um acesso igual à saúde, uma igualdade na previdência, na previdência social que é uma igualdade como sabemos em muito dificultada por um fator que nem sequer é político, é demográfico, na Europa, igualdade não apenas na distribuição de dinheiro, mas sobretudo na distribuição de oportunidades, e isso significa não apenas conseguir acudir aos mais velhos que precisam de cuidados de saúde e precisam de previdência, mas também significa ter uma sociedade por exemplo disponível

para uma geração que tem hoje 20, 30 anos e que não tem igualdade de acesso como por exemplo a minha geração ainda teve, a geração que hoje tem 30 anos e que tende muito a ser vista como a geração mimada, não é uma geração mimada, é uma geração muito viajada, é uma geração muito instruída, é uma geração que não tem emprego, ou que quando tem emprego é precário, ou que quando tem emprego e precário ganha 500 euros ao fim no mês a recibos verdes e não sabe se dali a 3 meses terá emprego, pelo que não sai de casa, pelo que se casa cada vez mais tarde, pelo que não tem filhos e isto é um problema social, isto não é mimo, isto é uma sociedade desigual que pela evolução dos tempos tem feito com que aqueles que agora entram no mercado de trabalho, que entram na vida adulta não entrem com a mesma igualdade de oportunidades que por exemplo eu ainda tive, isto não é só um problema político, isto é um problema social, e contudo isto e resumindo, o que quero no meu modestíssimo papel é dizer que eu todos os dias tento praticar Abril, para que Abril não seja passado, para que Abril não seja só futuro como ideal, mas para que Abril seja sempre um agora, para que seja sempre presente, para que os valores de Abril sejam aqueles e continuem a ser aqueles que o que desejam e propõem é uma sociedade mais justa, que combata a desigualdade e que seja uma sociedade não apenas de Lisboa e o resto do país, mas uma sociedade pelo Povo, pelas populações e pela cidadania, e por isso vou acabar com a frase que já todos sabem qual é, mas de cravo na mão.-----

**25 DE ABRIL SEMPRE.**-----

----- **MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA:** Muito obrigado Dr. Pedro dos Santos Guerreiro. Muito obrigado por esta notável conferência, por esta lição sobre a importância da Liberdade, e principalmente sobre a importância da Liberdade de Opinião, de Expressão e de Pensamento, e também pela importância dos pesos e contrapesos para a democracia e a Liberdade, e também pela defesa que fez aqui com convicção dos Valores de Abril. Muito obrigado, foi um enorme privilégio para todos nós assistirmos a esta conferência. Bem-haja pelos Valores de Abril. Obrigado.-----  
Dava a palavra ao Senhor Presidente da Câmara Dr. Almeida Henriques.-----

----- **OITO – O SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VISEU:** Muito boa tarde a todas e a todos. É um privilégio poder usar da palavra nesta sessão. Começava por cumprimentar Senhor Presidente da Assembleia Municipal, e na sua pessoa cumprimentar a Mesa, designadamente a sua Segunda Secretária neste caso, e gostava de começar por saudar o Senhor Presidente da Assembleia Municipal evocando um Presidente da Assembleia Municipal que começou este percurso, que se chamava Coelho de Araújo, porque a história do nosso concelho é feita de pessoas e de facto o António Coelho de Araújo foi Presidente da Assembleia e foi o primeiro a no fundo interpretar que fazia sentido celebrar o 25 de Abril percorrendo as Freguesias e o estarmos hoje em Santos Êvos teve exatamente um percussor portanto, não queria deixar de o realçar.-----  
Saudar também o Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Santos Êvos, meu estimado amigo Fernando, e dizer que, estamos gratos pela forma como estamos a ser recebidos e aproveitava para na pessoa do Presidente de Junta de Freguesia saudar todos os elementos do Executivo, da Assembleia da Freguesia, todos os Cidadãos de Santos Êvos e permitam-me também que na Associação de Carragoso que já tivemos o privilégio de ouvir saúdo todas as Associações que fazem parte desta freguesia, que é de facto também uma freguesia muito rica do ponto de vista cultural, portanto, agradecer ao Senhor Presidente da Junta, enfim, a hospitalidade. Cumprimento também todos os Senhores Presidentes de Junta de Freguesia, mas cumprimento também as suas equipas, que são constituídas por mulheres e por homens, mulheres muito valorosas que todos os dias defendem o Poder Local, e hoje temos gente muito boa nas freguesias. Saúdo também de uma forma particular hoje os Senhores Presidentes de Junta que já estiveram em funções e que estão hoje aqui e que vamos homenagear. São de facto pessoas que nós muito estimamos.-----  
Dirijo-me também às Senhoras e Senhores Membros da Assembleia Municipal, permitam-

me que não saúde todas as Entidades, mas que na pessoa do Senhor Comandante do Regime de Infantaria de Viseu, saúdo todas as Entidades no fundo o simbolismo do ato que praticámos às nove e meia, é também o simbolismo do agradecimento que temos em relação aos Capitães de Abril, e que sobretudo saúdo aqui também o nosso Capitão de Abril, permita-me que o despromova a Capitão outra vez exatamente porque acho que é nessa função que hoje também aqui o cumprimento.-----

Queria também cumprimentar os Dirigentes dos Núcleos de Viseu da Associação 25 de Abril e também da Associação dos Deficientes das Forças Armadas, que estão aqui connosco, e que também têm um papel muito relevante.-----

Caro Pedro Santos Guerreiro, obrigado pela tua presença, foi de facto um privilégio ter um dos nossos, um dos melhores dos nossos aqui connosco a partilhar todos estes ideais, enfim, toda esta leitura, uma leitura atual que faz no fundo um retrato destes 43 anos do 25 de Abril, e permite-me que também que saúde os pais e a família, são pessoas que eu conheço há muitos anos, e o Pedro, digamos que o conheço desde tenra idade. Foi de facto um convite acertado que muito honrou e que muito dignificou esta sessão.-----

Caras e caros concidadãos,-----

Viseenses, a todas e a todos saúdo nesta comemoração e obviamente reforço aqui o nosso amigo Fernando Rodrigues que é nosso anfitrião nesta sessão em que no fundo prestamos também tributo aos eleitos locais das freguesias em democracia.-----

E de facto, como já foi aqui patente, nas várias intervenções, este dia não é um dia qualquer, é de facto um dia-símbolo. É um dia-futuro, como foi bem aqui enfatizado.-----

O dia que hoje lembramos e a conquista que comemoramos de facto operaram uma mudança profunda no curso da história do País e no curso das nossas histórias individuais, mesmo daqueles que vieram a nascer depois do 25 de Abril, como tá tivemos aqui pelo menos hoje três testemunhos.-----

Uma mudança profunda, diria mesmo, uma mudança benigna, protegida e desenvolvida por quem a soube interpretar corretamente.-----

Apesar das sombras que pesam hoje sobre a Europa e sobre o Mundo continuam a lembrar-nos que, em Política e na História, como na vida, há o Bem e há o seu contrário.---

No 25 de Abril triunfou um sentido de Bem Comum, um ideal prático, embora complexo, de Liberdade, Democracia, Paz, Progresso e Justiça.-----

Somos pois herdeiros e ao mesmo tempo somos também devedores desse triunfo, desse ideal e da coragem que fez capitular um regime podre e incapaz de servir o bem comum e as realizações individuais e coletivas do povo.-----

É justo de facto recordar aqui, já o fiz no início, os cinco capitães do Regimento de Infantaria de Viseu que hoje têm uma avenida na nossa cidade com os seus 5 nomes, porque o 25 de Abril também foi feito em Viseu com pessoas concretas que tiveram essa coragem, e refiro-me aqui a Gertrudes da Silva, Arnaldo Costeira aqui connosco presente, aliás, sempre presente nestas sessões, Aprígio Ramalho, António Ferreira do Amaral e Amândio Augusto.-----

Caras e caros Concidadãos,-----

Importa que a conquista de Abril não fique cativa na história e seja atualizada, renovada, aprofundada nos nossos dias e na nossa cidadania.-----

É também de facto esse o sentido da homenagem que hoje iremos aqui realizar, e que já estamos a realizar, a homenagear 159 presidentes de junta de freguesia eleitos desde 1976, no Poder Local Democrático, e que concluíram o seu exercício.-----

No Concelho de Viseu, como no país há muitos heróis anónimos da democracia e do progresso da terra, homens e mulheres que, abnegada e silenciosamente, lutaram dia-a-dia pelo sonho de melhores condições de vida, trabalho, prosperidade e também desenvolvimento em cada uma das suas freguesias.-----

Lutaram contra várias espécies de centralismos e de preconceitos, que hoje aqui também

já foram referidos. Recusaram o pessimismo e as falsas cidadanias do abandono, da desistência muitas vezes mesmo da maledicência.-----  
O dever da memória é facto uma responsabilidade coletiva se quisermos honrar a democracia e promover uma cidadania responsável, relevante e ao mesmo tempo construtiva.-----  
O bota-abaxismo pode ser um exercício de liberdade, mas não necessariamente um exercício de liberdade responsável.-----  
Porventura a História não falará desses heróis locais e quotidianos, mas eles tiveram seguramente um papel indelével no padrão de vida e nas condições de mobilidade social que felizmente alcançámos nestes 43 anos do 25 de Abril-----  
Em nome da Câmara Municipal, e em nome dos Cidadão de Viseu o meu Bem-Haja a todos estes autarcas que hoje aqui homenageamos, mas sobretudo também a todos aqueles que integraram as vossas equipas ao longo destes anos.-----  
Caras e caros concidadãos,-----  
Viseenses,-----  
Todas as conquistas de ontem são conquistas mortas se não falarem hoje, aos nossos dias e também às nossas gentes.-----  
Gostava de recordar outro herói dessa vontade lúcida de cumprir o desígnio de Abril, que a nossa jovem Filipa, hoje já aqui citou, e citou muito bem, refiro-me a Francisco Sá-Carneiro, que hoje justamente é também homenageado a título póstumo pelo nosso Presidente da República, hoje é condecorado de facto pelo Senhor Presidente da República-----  
Dizia Sá-Carneiro e passo a citar:-----  
*“Os portugueses estão ansiosos por que se deixem os governantes de debate ideológico, de grandes discursos, para se aterem ao exercício singelo e discreto da sua função: trabalhar para resolver os problemas das pessoas, os problemas da nação.”* Fim de citação.-----  
De facto, nos 40 Anos do Poder Local Democrático, é justo assinalar que as autarquias locais, incluindo as freguesias, que de facto são o poder mais próximo do povo, têm logrado cumprir essa função.-----  
Mais do que a pura luta cega pelo poder, o sentido de prioridade e urgência na realização do Bem Comum deve conduzir a política e os seus agentes.-----  
Também no Município de Viseu essa inspiração tem de constituir norma e tem de constituir prática.-----  
Por isso nos desembaraçámos tantas vezes das fronteiras estritas das responsabilidades centrais e locais do Estado para resolver problemas que afetam hoje as nossas populações. Foi assim em casos concretos recentes na requalificação de estabelecimentos de ensino propriedade do Estado Central, como a Escola Grão Vasco, a Escola Viriato, e até numa simples obra como acesso das urgências ao Hospital.-----  
Foi e é assim no fomento de habitação digna para famílias carenciadas.-----  
Enquanto o Estado Central abandonou os programas de apoio à requalificação de habitações, desde 2013 que o Município de Viseu intensifica essa política.-----  
223 famílias viram as suas casas completamente renovadas, num esforço de quase 1,5 milhões de euros.-----  
Foi e é assim também na fiscalidade amiga das famílias, nos apoios sociais escolares, nas medidas de estímulo à natalidade, nas políticas de promoção do acesso ao desporto, à educação e à cultura, ou nos programas de inclusão de seniores.-----  
Pusemos em prática, por nossa conta e risco, medidas de carne-e-osso como o tarifário de água para famílias carenciadas e numerosas, as refeições escolares gratuitas para o 3º filho ou o “kit escolar” gratuito para todos ou mesmo os manuais escolares para todas as crianças do ensino básico.-----  
Tem sido também assim no reforço da segurança policial do Centro Histórico, que temos vindo a repovoar e revitalizar, segurança essa paga pelo Município, na ausência de

respostas do Estado Central.-----  
E, se este está confortavelmente à distância dos problemas das populações, protegido nos gabinetes da Capital, aos municípios, em contrapartida, não é sequer pensável adia-los, por razões óbvias, pela proximidade que efetivamente temos às pessoas.-----  
O mesmo também se pode dizer dos novos temas do desenvolvimento local como a atração de investimento e o emprego, onde a generalidade dos Municípios, incluindo Viseu, trabalha por espontânea iniciativa, sem cooperação do Estado Central.-----  
Se aqui se radicaram investimentos de insígnias como a IBM, a BIZ Direct, a Altice ou a CUF, não foi por ação, mérito ou visão de longo alcance do centralismo.-----  
Caras e Caros concidadãos,-----  
Minhas Senhoras e Meus Senhores,-----  
O 25 de Abril foi feito em nome do Povo e de um ideal tríplice de democratização, descolonização e desenvolvimento.-----  
A nós cabe-nos reinterpretar e renovar esse ideal todos os dias, restituindo-lhe atualidade e relevância, a cada momento, com a máxima responsabilidade.-----  
Por isso não posso deixar, e permitam-me aqui uma nota nacional, de notar e lamentar que hoje as reformas do Estado estejam reféns de um adiamento *sine die* e os investimentos numa espécie de ponto-morto.-----  
O pacote da descentralização prometeu pôr fim ao Estado mais centralizado da OCDE, e apesar do grande consenso em torno deste tema há uma ameaça muito grande e pode ser mais uma oportunidade perdida para a efetiva descentralização.-----  
Sem um guião definido e a coragem de descentralizar a despesa pública, a descentralização para os municípios pode vir a resumir-se a um conjunto de cartazes publicitários mostrados de forma inconsequente nas redes sociais como já hoje acontece, ainda sem se ter consumado, e ainda sem o debate ter sido feito na Assembleia da República.-----  
O iluminismo da Capital só cega os seus próprios autores.-----  
Alijar atribuições e obrigações à pressa, sem diálogo e sem a justa transferência de meios, não é política democrática, prudente e responsável.-----  
No plano dos investimentos públicos, tem-se jogado com as palavras, taticamente, confirmando também um vazio de compromissos reais.-----  
As opções de desenvolvimento do sistema ferroviário nacional são demasiado sérias para que se reduzam a uma retórica de oportunidade.-----  
Em causa não está apenas o risco de perda de fundos comunitários, designadamente fundos de coesão, mas sim, pior do que isso, a própria competitividade futura do País e, muito em particular, do país exportador e industrial que vive nas regiões do Centro-Norte e que são um dos grandes motores da economia.-----  
Ao desistir da linha ferroviária Aveiro – Salamanca, não são apenas as aspirações destas regiões que se veem adiadas, como ficará também escrito o aprofundamento das gritantes assimetrias regionais que nos definem também enquanto país.-----  
A incapacidade em concretizar compromissos é ainda evidente no trágico protelamento de uma nova ligação rodoviária Viseu – Coimbra, em perfil de autoestrada, que não posso deixar de condenar vivamente.-----  
O engavetar definitivo da “Via dos Duques”, num investimento sem custos para o Estado, é uma opção ideológica que penaliza toda a região e adia a resolução do maior problema rodoviário nacional.-----  
Assim, irá eternizar-se o IP3 como a última estrada da morte em Portugal, e o Poder Central cai uma vez mais em descrédito, minando a confiança dos cidadãos nas suas instituições.-----  
Senhor Presidente da Assembleia,-----  
Caras e Caros Viseenses,-----  
Também gostava de deixar uma nota de preocupação em relação à gestão da política dos

**fundos comunitários do Portugal 2020, fundos garantidos em nome do futuro do país e da coesão das regiões e justifica hoje profunda preocupação.-----**  
**A negação da realidade poderá afigurar-se desastrosa.-----**  
**A negação da realidade nos atrasos de execução real dos fundos;-----**  
**A negação da realidade na correção de erros de estratégia, aliás, comparando o que é comparável, e muitas comparações têm sido feitas nos últimos dias, no final de 2016, a execução do Portugal 2020 registava uma quebra de investimento de quase 1400 milhões de euros face ao seu “antecessor”, o QREN.-----**  
**Ao contrário da ilusão criada, estamos perante uma quebra de 38% na execução dos fundos estruturais face a período homólogo.-----**  
**A realidade dos municípios, das empresas e do próprio Estado mostra efetivamente essa paralisia, e é justo que se falem nas coisas para se encontrarem as metodologias que vão permitir compor isto.-----**  
**Não por acaso o País registou em 2016 o investimento público mais baixo da história da democracia.-----**  
**Um corte de 29% no investimento público fez descer para 1,6% do PIB a mola do Estado na economia e no crescimento.-----**  
**Iludindo problemas e adiando a necessária reprogramação do Portugal 2020, o Governo faz uma fuga para a frente: acelera “concursos”, “aprovações” e “adiantamentos”, que não correspondem a investimentos reais na economia.-----**  
**Pior do que isso, deve temer-se o apetite do autoconsumo de fundos para despesas correntes do Estado Central, em prejuízo das regiões, veja-se o consumo excessivo de fundos comunitários que está a ser feito pelo Instituto de Emprego e pelo Ministério de Educação e refletamos um pouco sobre isto.-----**  
**De facto, os fundos comunitários são a única alavanca para o crescimento e a coesão nacional, mas a sua gestão sugere a repetição dos mesmos problemas do passado.-----**  
**De que vale a ilusão de uma montanha de projetos aprovados que, de atraso em atraso, serão inviáveis?-----**  
**De que servirá iludir os atrasos de execução, correndo o risco de perda de fundos? (Designadamente do Ano+3 )-----**  
**Fundos que são fundamentais ao estímulo do investimento produtivo, do emprego e também da coesão territorial...-----**  
**Caras e caros amigos,-----**  
**Vou concluir, referindo-me à força da nossa comunidade local. Comunidade orgulhosa das suas raízes dos seus 2500 anos de história e da capacidade que sempre tivemos para poder contrariar aquilo que muitas vezes nos foi imposto, uma Comunidade consciente de si enquanto realidade histórica, cultural e também social.-----**  
**A vitalidade da nossa comunidade tem de ser uma força da nossa democracia local e de uma cidadania esclarecida e ao mesmo tempo participativa.-----**  
**Os populismos combatem-se com educação, envolvimento e coresponsabilização.-----**  
**Por isso nos temos empenhado em fomentar uma cultura de diálogo e de escuta ativa sobre as decisões municipais.-----**  
**Por isso nos temos batido no Município pela contratualização de programas e projetos com as instituições do concelho, com os nossos agentes culturais e desportivos, e valorizando efetivamente o Estatuto de Eleito Local. O que pode ser feito na proximidade é sempre mais bem feito do que à distância.-----**  
**E por isso nos temos mobilizado também na organização, na dinâmica e execução escrupulosa dos Orçamentos Participativos municipais, aliás, esta semana, a 28 de Abril, conclui-se a votação do atual Orçamento Participativo de Viseu focalizado nos nossos jovens.-----**  
**Votação universal de 62 projetos apresentados exclusivamente pelas comunidades dos Ensinos Secundário, Profissional e Superior.-----**

É uma semente poderosa de Abril na comunidade escolar e jovem do concelho, pensamos nós que também é uma forma de estimular o exercício de cidadania dos nossos jovens mais crescidos.-----

Neste momento, conforme foi meu compromisso, os projetos vencedores dos orçamentos participativos de 2014 e 2015 estão executados a 100%, garantindo-se nessa realização o envolvimento das freguesias e da própria sociedade civil.-----

Pretendo seguir este mesmo princípio participativo na execução dos investimentos que serão agora escolhidos pelos viseenses, em nome de uma comunidade mais consciente e mais forte.-----

Termino como comecei, saudando todas e todos, saudando também o Senhor Presidente da Assembleia Municipal, saudando o Povo de Santos Êvos que hoje está aqui connosco em força, e dizendo sobretudo:-----

Viva Viseu;-----

Viva o 25 de Abril.-----

----- MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA: Obrigado Senhor Presidente da Câmara, irei agora fazer a intervenção.-----

----- NOVE – O SENHOR PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE VISEU:

Começaria por cumprimentar o Excelentíssimo Senhor Capitão de Abril Arnaldo Costeira, a Digníssima Mesa, o Senhor Presidente da Câmara Dr. Almeida Henriques, o Senhor Vice-Presidente, os Senhores Vereadores, os Senhores Deputados Municipais, o Senhor Presidente da Junta de Santos Êvos e na sua pessoa cumprimentava todos os Senhores Presidentes de Junta e todos os Órgãos da Freguesia, um cumprimento também especial ao nosso estimado Conferencista o Dr. Pedro dos Santos Guerreiro e também à sua família hoje aqui presente, cumprimentava as Autoridades Cívicas e Militares, todos os nossos Homenageados, os Ex-autarcas, Senhores Convidados, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

25 de Abril, Dia em que todos, (já aqui várias vezes focámos), comemoramos a Liberdade e a Democracia.-----

Em que prestamos também a nossa homenagem aos Capitães de Abril, que derrubaram o regime autoritário e conservador.-----

Dia em que também homenageamos os lutadores pela Liberdade.-----

Mas, ao evocar Abril temos de ter a consciência que esta luta pela Liberdade e pela Democracia que todos hoje desfrutamos, foi um percurso feito também de grandes dificuldades.-----

Muitos portugueses sofreram, foram presos, colocaram em risco as suas vidas, sacrificaram a família, a profissão, por um ideal, um País livre, democrático mais justo e com futuro.-----

Esses sacrifícios não podem ter sido em vão.-----

É obrigação de todos preservar e fortalecer os valores de liberdade e da democracia, que se constroem (e já aqui ouvimos) renovam todos os dias.-----

Como referiu o Senhor Presidente da República Professor Marcelo Rebelo de Sousa “A democracia criada a partir do 25 de Abril de 1974 tem de ser recriada todos os dias, para se não negar nem negar o futuro aos Portugueses. Saibamos, também, todos nós, honrá-la e servi-la renovando o que importa renovar, debatendo o que há a debater, sonhando o que há a sonhar”.-----

A Revolução dos Cravos restituiu a liberdade de expressão, de opinião, mas também de oposição.-----

Instituiu-se uma democracia representativa e pluralista, e fundamentalmente um Estado de Direito e Democrático.-----

Após o 25 de Abril, assistimos a um ciclo notável de desenvolvimento, de modernização, de conquistas sociais e civilizacionais, em que destacamos três: A emancipação das mulheres, a criação do Estado Social principalmente no domínio do Serviço Nacional de Saúde e a



generalização do Ensino.-----  
Caros Concidadãos,-----  
O Poder local Democrático que hoje aqui todos comemoramos os 40 anos, foi uma das principais conquistas de Abril, consagrando aquilo que é a autonomia e a democracia municipal e terminando com os municípios corporativos.-----  
Os Municípios e as Freguesias foram decisivas para não dizer imprescindíveis, no desenvolvimento e modernização social, económica e cultural dos concelhos, principalmente os nossos, do Interior do País.-----  
As Freguesias são as Autarquias com a administração mais próxima dos cidadãos e têm tido um papel crucial de agentes fomentadores do sentimento de pertença dos cidadãos a um dado território, preservando (e aqui já vimos hoje) a identidade histórica, cultural e social das comunidades locais.-----  
As Freguesias cumprem uma missão muito importante de verdadeiro Interesse Público para as populações, que não pode ser nunca esquecido ou desvalorizado.-----  
O Poder Local está perto das populações, conhece as suas necessidades, os seus anseios e as suas aspirações.-----  
Mas o Poder Local continua a ser também um “alvo permanente” dos centralistas que não percebem aquilo que é a tradição municipalista portuguesa e o facto de os cidadãos sentirem que as autarquias locais existem para defesa dos seus interesses e da comunidade em que se inserem.-----  
Não percebem que as Autarquias Locais são o veículo por excelência também da descentralização das políticas públicas e da participação política.-----  
É óbvio que o Poder Local não é uma construção acabada.-----  
Muito há ainda para fazer, para melhorar, para ir adequando à evolução da sociedade, para dar respostas às expetativas e anseios das populações e à dinâmica dos agentes locais. Mas, este processo de melhoria continua também dependente da sociedade, de todos nós, que devemos ser cidadãos exigentes em relação à gestão do nosso património, mais participativos na vida pública efetuando um escrutínio permanente da ação política, com sentido crítico, e muitas vezes a sociedade não é exigente e os cidadãos também não são exigentes.-----  
Caros Concidadãos,-----  
Passados 43 anos de Abril, o País está melhor, o balanço, todos consideramos francamente positivo, mas não podemos deixar de apontar o que correu mal ou menos bem.-----  
Como referiu António Barreto, e passo a citar, ”a democracia portuguesa viveu condicionada pela ideia de distribuição de benesses e dinheiro, (já aqui falámos hoje de dinheiro) e criou-se a ilusão de que podíamos viver à custa da Europa, dos empréstimos e da dívida”.-----  
Mas não, os empréstimos e os encargos com os juros são para pagar.-----  
Ninguém perdoa dívidas, e, uma Nação endividada não é livre porque é prisioneira dos mercados.-----  
Nós queremos ser uma Nação livre e respeitada no contexto das Nações.-----  
Mas parece que não aprendemos e não retirámos as devidas ilações. Continuamos a querer repetir os erros do passado.-----  
É altura de construirmos uma sociedade mais justa e responsável, uma sociedade com justiça geracional.-----  
Não podemos criar o oásis para o presente, que será de certeza o deserto para o futuro.----  
Para encontrar as respostas certas às nossas dificuldades – “precisamos de pensamento político profundo, de reflexão fundamentada, de informação atualizada, de perspetiva histórica, de impulso prospetivo, de debate democrático sério, de sentido ético exigente, de capacidade de compromisso e de visão política renovada e renovadora.-----  
Mas, não será de certeza com frases feitas, *sound bites*, *slogans* propagandísticos ou *spots* publicitários”. Acabei de citar o Dr. Jorge Sampaio, com cuja opinião concordo

inteiramente.-----  
Minhas Senhoras e Meus Senhores,-----  
Caros Concidadãos,-----  
Para concretizar muitos dos sonhos de Abril, precisamos com urgência de uma agenda de crescimento económico e de criação de emprego para termos uma sociedade que seja mais solidária e mais inclusiva.-----  
Mas, para haver crescimento é preciso financiamento e investimento.-----  
E, para haver investimento naquilo que é uma economia globalizada é preciso vontade política para se criar um ambiente favorável à iniciativa empresarial, para termos emprego qualificado e também emprego duradouro, com estabilidade fiscal, confiança, segurança e sobretudo, respeito pelos investidores.-----  
Nenhum País, nenhum Concelho se pode desenvolver andando sempre a conciliar ciclos distributivos, com ciclos de contenção e, pior, andar sempre a reverter, a recomeçar, a reencontrar-se, a redefinir novas estratégias e novos desafios.-----  
Mas, é preciso também que o Estado dê um sinal de ajuda à economia, investindo.-----  
O investimento público é essencial para o desenvolvimento do País.-----  
Neste domínio não posso deixar de fazer aqui uma referência pública à estratégia do Executivo Camarário liderado pelo Dr. Almeida Henriques.-----  
Sabendo que é essencial para o nosso futuro coletivo, atrair investimento, empresas, pessoas, instituições, eventos e turristas, implementou uma verdadeira diplomacia económica autárquica, criando um clima de previsibilidade e também de transparência com a aprovação de um Regulamento de apoio a iniciativas económicas de interesse municipal, mas também desburocratizando, acarinhando e acompanhando os investidores.  
Minhas Senhoras e meus Senhores,-----  
Comemorar Abril em 2017 é também refletir sobre o Estado de Direito Democrático, refletir sobre o sistema de justiça que temos, a qualidade da nossa democracia, as reformas consideradas sempre urgentes e nunca realizadas, as desigualdades ainda existentes, a pobreza e a exclusão social, o flagelo do desemprego, a falta de emprego para os jovens e também a sustentabilidade do Estado Social.-----  
Comemorar Abril é termos consciência que os Portugueses estão distantes, muito críticos em relação ao funcionamento da democracia e dos Partidos Políticos, e principalmente ao comportamento de uma certa classe política.-----  
Ano após ano, legislatura, após legislatura, referem-se as causas, apontam-se soluções e nada se faz.-----  
Na luta contra as desigualdades, o combate à corrupção, à fraude e à evasão fiscal é crucial para permitir uma melhor distribuição da riqueza do País.-----  
O combate sem tréguas à corrupção deve ser um desígnio político nacional. Temos dito muitas vezes, a própria Assembleia Municipal tem tomado posições sobre isto, porque é uma questão de decência pública, uma obrigação ética e de cidadania.-----  
É urgente a aprovação de legislação sobre a criminalização do enriquecimento ilícito e não justificado mas também a responsabilização civil e criminal dos decisores públicos que assumam compromissos ruinosos para o Interesse Público em proveito próprio ou de terceiros.-----  
É preciso acabar também com a promiscuidade e a confusão entre as esferas políticas e as esferas económicas.-----  
A sociedade precisa de confiar que o seu património á gerido com inteligência e seriedade, e que os políticos e cidadãos corruptos são punidos judicialmente, politicamente, mas também socialmente.-----  
Como disse Mário Soares e passo a citar "A política não pode ser uma maneira de subir na vida".-----  
Minhas Senhoras e meus Senhores,-----  
Caros Concidadãos,-----

Temos de fazer tudo o que seja possível para aproximar os cidadãos da política e principalmente os jovens, valorizando o Serviço Público em prol do País.-----  
A vida política é uma missão ao serviço do bem comum.-----  
O País precisa sempre de ter os melhores, os mais qualificados na governação, com espírito de missão mas também com Sentido de Estado.-----  
Mas, precisamos também de Instituições Independentes fortes, que deverão ser valorizadas pela opinião pública para serem também respeitadas pela classe política.-----  
Precisamos de um Sistema Judicial eficaz, que seja célere mas também prestigiado. A Justiça é essencial não só para a afirmação do primado da Lei e da democracia, mas também para o desenvolvimento do País.-----  
Precisamos também, de Órgãos de Comunicação Social de qualidade, que sejam livres, que sejam independentes, com critérios também deontológicos, que sejam um espaço de liberdade e de preservação do direito de opinião, um verdadeiro (como já aqui foi dito) 4º Poder.-----  
Numa democracia é crucial o escrutínio e a crítica do poder político pela comunicação social.-----  
Mas, precisamos também que as Reformas que sejam necessárias ao País se realizem, Reforma do Sistema Político, incluindo a Reforma do Sistema Eleitoral, a Descentralização Administrativa, mas principalmente a sempre adiada Reforma do Estado.-----  
Redimensionar o Estado e discutir o seu papel, todos sabemos, é essencial para viabilizar a sustentabilidade do Estado Social.-----  
Caros Concidadãos,-----  
Comemorar Abril é ter a consciência que não temos uma sociedade perfeita, que muitos cidadãos precisam urgentemente de apoio, de respostas aos seus problemas.-----  
Os desempregados, incluindo os jovens à procura de emprego, continuam a emigrar.-----  
Os cidadãos e as famílias que esperam ajuda urgente para superar as dificuldades do dia-a-dia continuam a não ter respostas.-----  
Temos uma população envelhecida, isolada, com fracos rendimentos que necessita de apoio e tem de ser apoiada.-----  
Precisamos de melhorar o acesso e a resposta dos serviços públicos, principalmente na área da saúde.-----  
Há necessidade de haver um combate, com prioridade absoluta, mas um combate que seja contínuo à pobreza e exclusão social.-----  
O cidadão deficiente e as suas famílias necessitam que as respostas (todos sabemos) que sejam melhoradas e céleres.-----  
Precisamos de criar um clima de confiança que permita o investimento e a criação de emprego, e que acabe com aquilo que é a emigração por necessidade.-----  
Poderíamos enumerar outros problemas reais, poderíamos falar sobre situações familiares dramáticas, algumas, todos sabemos, silenciosas, que todos conhecemos e que requerem uma resposta urgente.-----  
Ao ouvir o otimismo de alguns políticos e governantes, a sensação que transmitem do dever cumprido, fico perplexo e surgem-me várias interrogações.-----  
Estão a falar de outro País?-----  
Ou desconhecem a realidade, as angústias, as dificuldades e os dramas, ou a mesma realidade não lhes é transmitida corretamente?-----  
Ou os problemas só existem quando são notícia, criam ruído mediático e a contestação ocupa a rua e os *media*, nessa altura, todos vemos, há uma resposta célere.-----  
Caros Cidadãos,-----  
Há dois anos, perante relatos abomináveis de abusos, maus tratos e mortes de crianças, de violência doméstica e de mortes de mulheres e idosos, referimos que o Estado não pode ser a única solução para estes problemas, e que a resposta terá de ser assumida como uma

responsabilidade que seja coletiva, uma obrigação de todos, sociedade em geral, o Estado e também os Cidadãos.-----

Passados dois anos, a sensação que temos é que o problema está a atingir dimensões impensáveis e que não basta lamentar-nos, demonstrar a nossa preocupação e inquietação, rotular estas situações como anormais e do foro policial e judicial.-----

Este é um problema do Estado mas também um problema que é nosso, e é uma obrigação de todos exigir respostas mas também contribuir para a solução.-----

Minhas Senhoras e Meus Senhores,-----

Caros Concidadãos-----

Temos de ter consciência dos problemas, eles existem, não desapareceram.-----

Não devemos exultar com otimismo excessivos e artificiais porque sabemos nada têm a ver com a realidade existente no País.-----

Mas, devemos acreditar que é possível dar resposta a muitos dos problemas da sociedade e dos nossos concidadãos, se houver envolvimento de todos, se fizermos uma transformação estrutural da economia e da Sociedade Portuguesa para termos uma economia moderna, competitiva, uma economia produtiva, também inovadora, e formos capazes de distribuir melhor a riqueza do País, de modo a construirmos uma sociedade que seja mais solidária, mais desenvolvida e inclusiva, uma sociedade com Igualdade de Oportunidades para termos todos um País melhor e um Concelho de Bem-Estar e Felicidade e um Concelho de Excelência.-----

Obrigado.-----

Iremos em seguida realizar uma cerimónia que tem para os Órgãos Municipais e para todos os Autarcas presentes um simbolismo que consideramos muito especial.-----

Prestar uma justa homenagem aos Presidentes de Junta eleitos após o 25 de Abril, com a feliz coincidência de ser numa Freguesia rural, quando se comemoram os 100 da transformação das Paróquias Civas em Freguesias e também os 40 anos do Poder Local Democrático.-----

Infelizmente muitos dos Presidentes de Junta já nos deixaram e outros não puderam estar presentes por razões de saúde.-----

Como é óbvio serão posteriormente homenageados, respeitando sempre a sua vontade, e no caso de homenagem a título póstumo a vontade como é óbvio da própria família.-----

Caros Concidadãos,-----

Os Presidentes de Junta exercem uma função de proximidade, e consideramos sempre de verdadeiro interesse público. Tiveram sempre como desígnio servir a freguesia, os seus fregueses e contribuir para o seu Bem-Estar e Felicidade. Foram sempre um exemplo político de proximidade, um exemplo político de dedicação, de espírito de missão, de uma ação política de proximidade em estreita ligação com os cidadãos e também com as suas organizações representativas.-----

Caros Homenageados,-----

Caros Autarcas,-----

A gestão da coisa pública é nobre e digna.-----

A dedicação à coisa pública não precisa de recompensas porque é uma missão, é uma honra também para quem a pratica, mas merece ser reconhecida, e compete-nos a nós em representação dos Órgãos Municipais homenageá-los e agradecer o vosso trabalho em prol da vossa Freguesia mas também do nosso Concelho.-----

Para todos, muito obrigado pela presença.-----

Agora, eu e o Senhor Presidente da Câmara iríamos proceder à homenagem.-----

----- **DEZ – A EXMA. SENHORA DRA. MARIA GORETTI PIRES DOS REIS:** Com a autorização do Senhor Presidente da Assembleia Municipal e do Senhor Presidente da Câmara vamos dar início à Cerimónia de Homenagem aos Presidentes das Juntas do Concelho de Viseu eleitos após o 25 de Abril, como reconhecimento pelo serviço público

prestado no desenvolvimento do Concelho.-----  
Assim solicito a presença de:-----  
- Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Abraveses, Rui Pedro de Oliveira de Almeida. Solicito também a presença dos familiares do Senhor José Ferreira dos Santos, e os familiares do Senhor Fernando Pais da Silva.-----  
- Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Bodiosa, Rui Manuel dos Santos Ferreira, e os familiares do Senhor Carlos Marques Mendes Ribeiro e os familiares do Senhor Manuel Pereira.-----  
- Senhor Presidente da Junta de Calde, José Fernandes, o Senhor José Augusto Rodrigues Filipe e o Senhor Herculano Duarte Gonçalves.-----  
- Senhor Presidente da Junta do Campo, Carlos Alberto do Santos Lima, o Senhor José Alves Rodrigues, o Senhor Armando dos Santos Caiado e o Senhor António Lopes Marques.-----  
- Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Cavernães, Jorge Anselmo Martins, e os familiares do Senhor Daniel Cecílio Rego.-----  
- Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Côta, António José Tavares da Fonseca, o Senhor Manuel José Albuquerque e o Senhor Joaquim Polónio Lopes.-----  
- Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Coutos de Viseu, que abrange as Freguesias de Couto de Baixo e de Couto de Cima Fernando Manuel Leitão de Almeida e o Senhor Pedro Ferreira dos Prazeres (da ex-Freguesia de Couto de Cima).-----  
- Senhor Presidente da Junta de Fragosela, Arnaldo António Correia Gonçalves, o Senhor Manuel Nunes Fernandes, o Senhor Aníbal Costa, o Senhor António de Almeida de Jesus Lopes, familiares do Senhor Hermínio Gonçalves da Silva e familiares do Senhor António Francisco de Figueiredo.-----  
- Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Lordosa, Carlos Manuel Martins Correia, o Senhor António Pais da Costa, o Senhor Bernardino da Silva Marques, os familiares do Senhor Bernardo Ferreira Osório, os familiares do Senhor José Bernardino Silva Tomásio e os familiares do Senhor José Almeida Carvalho.-----  
- Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Mundão, Armando Nuno dos Santos Gomes, e a presença do Senhor Calisto Jesus Francisco Monteiro.-----  
- Da Freguesia de Orgens, em representação do Senhor Presidente da Junta o Senhor Hélder Esteves Novíssimo, e o Senhor Messias Lopes de Sousa.-----  
- Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Povolide, José Manuel de Almeida Fernandes, o Senhor Ramiro de Melo Coelho, o Senhor António Pires do Souto, o Senhor Manuel Rodrigues Lopes e o Senhor Fernando Casimiro Florentino.-----  
- Senhor Presidente da Junta de Ranhados, Luís Filipe Martins de Almeida Mendes e o Senhor Jorge Abel M. L. de Matos.-----  
- Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Ribafeita, Custódio de Figueiredo Ferreira--  
- Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Rio de Loba, Carlos Alberto Pereira Gama Henriques, o Senhor Domingos A. Gonçalves, o Senhor Delfim Rodrigues Pereira, e o Senhor João Carlos Lopes de Almeida Santos.-----  
- Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Santos Êvos, Fernando José Cardoso Rodrigues, o Senhor Eduardo Manuel de Oliveira, o Senhor João Manuel de Oliveira, o Senhor César Mendes Cardoso, O Senhor Rogério Abreu e os familiares do Senhor Manuel José de Almeida.-----  
- Senhor Presidente da Junta de S. João de Lourosa, Carlos Alberto Ferreira de Almeida, o Senhor Francisco Fernandes Gomes Matos, o Senhor Asdrúbal Rodrigues Ferreira Gomes, o Senhor António de Sousa da Fonseca.-----  
- Senhor Presidente da Junta de S. Pedro de France, Fernando Martins Machado, e o Senhor António Coelho de Almeida.-----  
- Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Silgueiros, José Augusto Henriques Mota e o Senhor António Carlos Lopes Coelho da Silva.-----



- Senhor Presidente da Junta de S. Cipriano e Vil de Souto, Aurélio Pereira Lourenço, os familiares do Senhor António Dias do Amaral, do Senhor Pedro da Purificação Soares, do Senhor Manuel Esteves Lopes, e o Senhor César Figueiredo Fernandes.-----
  - Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Repeses e S. Salvador e o Senhor José Pais Ferrão.-----
  - Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Viseu, Diamantino Amaral dos Santos que inclui as antigas Freguesias de Santa Maria, S. José e Coração de Jesus, os familiares do Senhor José da Costa Cruz e os familiares do Senhor Manuel de Abreu Lameira, o Senhor José Alberto da Costa Ferreira e o Senhor Dário de Almeida Costa.-----
  - Senhor Presidente da União de Freguesias de Boa Aldeia, Farminhão e Torredeita, José Paulo Moreira Cardoso de Meneses, os familiares do Senhor João Lopes Pereira, o Senhor Mateus Gonçalves Ribeiro, os familiares do Senhor José Pinheiro Leitão, o Senhor José Manuel Correia de Matos, os familiares do Senhor Ramiro Duarte, os familiares do Senhor José Dias Ramos, o Senhor Joaquim Rodrigues Gouveia, o Senhor Alberto Gonçalves da Ascensão, e o Senhor Serafim Lima de Almeida.-----
  - Senhor Presidente da União de Freguesias de Faíl e Vila Chã de Sá, José António Marques Seabra de Figueiredo e o Senhor José Ernesto Pereira da Silva.-----
  - Senhor Presidente da União de Freguesias Barreiros e Cepões, António da Silva Gomes Tavares.-----
- O Senhor Presidente da Câmara Municipal de Viseu vai fazer a entrega de uma lembrança ao Convidado Dr. Pedro dos Santos Guerreiro.
- (Seguiu-se o Hino Nacional) -----
- MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA: Está terminada a sessão. Agradecemos a presença de todos.-----
- O Senhor Presidente da Mesa deu por encerrada a Sessão quando eram 13 horas e 18 minutos e do que nela foi dito lavrou-se a presente Ata, que vai ser assinada por mim, \_\_\_\_\_ Primeira Secretária e pelo Presidente da Mesa, nos termos do número três do artigo quinquagésimo oitavo do Regimento em vigor. -----

**O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL**

\_\_\_\_\_  
(José Manuel Henriques Mota Faria)